



Departamento de Sociologia

O coming out dos jovens gays aos pais e mães

Rui Rafael Carvalho Velho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Sociologia

Orientadora:

Doutora Sandra Palma Saleiro, Investigadora,
CIES-IUL - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2016

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à minha orientadora, Sandra Saleiro, que se disponibilizou a guiar-me neste percurso. As suas observações, sugestões e acompanhamento foram imprescindíveis para o desenvolvimento desta dissertação.

Quero também deixar um grande obrigado aos meus entrevistados, pois é graças a eles que este estudo pôde ser realizado. Obrigado por todas as vossas contribuições.

Agradeço a todas as pessoas que se cruzaram no meu percurso académico, em particular à Lara, à Joana Vieira, à Sabina, à Fátima Fernandes, à Adriana, ao Telmo, ao Tiago Vaz, ao Tiago Batista, ao Miguel, ao André, à Jenny, à Inês Tavares, à Francisca Ferreira, e à Inês Martins.

Um obrigado muito especial à Leonor Prata por estes últimos anos de grande amizade, companheirismo e cumplicidade e por ter tido a gentileza de rever esta dissertação e pelas suas sugestões e críticas.

Por último, agradeço ao meu pai e à minha mãe que sempre acreditaram em mim e que me deram, através do seu trabalho, a oportunidade de frequentar o ensino superior. Obrigado por todo o vosso apoio, amizade e carinho. Amo-vos muito.

RESUMO

A presente dissertação propõe trazer à luz da análise sociológica a problemática da revelação da homossexualidade aos pais e mães, do ponto de vista dos próprios filhos, abordando as temáticas da masculinidade, heteronormatividade e homofobia. Este estudo explora as consequências da revelação da homossexualidade aos pais e mães, enquadradas no contexto familiar e individual do jovem *gay*, a partir de uma metodologia qualitativa. Foram entrevistados 16 jovens *gays* portugueses, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, que já tinham revelado a sua orientação sexual ao seu pai e /ou mãe. Adicionalmente, foram auscultados representantes de três associações LGBT (ILGA- Portugal, rede *ex aequo* e AMPLOS) a fim de identificar as suas experiências no que concerne ao *coming out* dos jovens *gays* aos pais e mães.

Os dados revelam que, pese embora a diversidade de reações dos pais e mães, o *coming out* aos pais e mães não resulta na rutura de relacionamento entre estes e os filhos. Os dados também demonstram que a qualidade da relação que os jovens *gays* têm com os seus pais e mães tende a melhorar após a ocorrência da revelação. Essas mudanças fazem-se pautar por uma maior proximidade e transparência. No entanto, também se constatou que o *coming out* do jovem *gay* tende a quebrar as expectativas parentais relacionadas com uma vivência heteronormativa, em particular as que estão intimamente associadas à descendência.

Palavras – chave: Homossexualidade, parentalidade, *coming out*, jovens, LGBT

ABSTRACT

This dissertation aims to bring the revelation of homosexuality to the parents to the light of sociological analysis, from the sons' points of view. While developing at the same time an approach towards masculinity, heteronormativity and homophobia. This study primes itself in the exploration of the consequences of the coming out of the closet in the family context of the young gay man. We interviewed 16 Portuguese gay young men, with ages between 18 and 30 years-old, that have already revealed their sexual orientation to their father and / or mother. Additionally, representatives of three LGBT associations (ILGA – Portugal, rede ex aequo and AMPLOS) were consulted in order to identify their experience about the *coming out* to parents.

The data revealed that regardless of the reaction of the parents, the *coming out* to parents doesn't result in the rupture of the relationship between parents and sons. The data also showed that the quality of the relationship that the young gay men have with their parents tends to improve after the occurrence of the *coming out*. Those changes are characterized by a greater proximity and transparency. However, we also found that the *coming out* tends to break the parent's expectations in relation to a heteronormative experience, in particular those deeply associated to the offspring.

Key words: Homosexuality, parenthood, coming out, young people, LGBT

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE DE QUADROS	vi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – <i>COMING OUT</i> AOS PAIS E MÃES	2
1.1. O <i>coming out</i> entre o poder e a sexualidade	2
1.2. O <i>coming out</i> e a família	6
1.3. O <i>coming out</i> – aspetos da revelação da homossexualidade	8
1.4. A sociedade portuguesa e a homossexualidade.....	9
CAPÍTULO II - QUADRO METODOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO	11
2.1. Definição do objeto e objetivos do estudo.....	11
2.2. Metodologia, técnicas de recolha de informação e seleção da amostra	12
CAPÍTULO III – O <i>COMING OUT</i> AOS PAIS E MÃES: CONTEXTOS E CONSEQUÊNCIAS	14
3.1. As associações LGBT e o <i>coming out</i> aos pais e mães: ILGA, rede ex aequo e AMPLOS.....	14
3.2. Contextos do <i>coming out</i> aos pais e mães	18
3.2.1. Caracterização sociodemográfica dos jovens <i>gays</i> entrevistados.....	18
3.2.2. Estrutura familiar de origem.....	19
3.2.3. Representações de pais e mães sobre masculinidade e homossexualidade	20
3.2.4. A relação dos jovens <i>gays</i> com os seus pais e mães.....	22
3.2.5. Idade de consciência e de revelação da homossexualidade.....	23
3.2.6. Circunstâncias do <i>coming out</i>	24
3.2.7. A importância de revelar a homossexualidade aos pais e mães	26
3.3. Consequências do <i>coming out</i> aos pais e mães.....	27
3.3.1. Reações dos pais e mães ao <i>coming out</i> do seu filho	27
3.3.2. A quebra das expectativas	30

3.3.3. A imagem do filho e o <i>coming out</i> aos pais e mães	31
3.3.4. Implicação da revelação na relação futura entre pai, mãe e filho.....	32
3.4. Receios dos jovens e dos pais e mães.....	34
3. 5. O lugar dos irmãos.....	35
3. 6. Frequência de espaços de sociabilidade LGBT	37
3. 7. Recursos mobilizados para o <i>coming out</i> aos pais e mães	39
3. 8. Conselhos de igual para igual	42

CONCLUSÃO	43
------------------------	----

BIBLIOGRAFIA	44
---------------------------	----

ANEXOS	I
---------------------	---

ANEXO A – Guião de entrevista aos jovens <i>gays</i>	I
--	---

ANEXO B - Guião de entrevista aos representantes das associações LGBT (ILGA, rede ex aequo e AMPLOS)	III
--	-----

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 3.1 - Caracterização dos representantes das associações LGBT	14
Quadro 3.2 - Caracterização sociodemográfica dos jovens <i>gays</i> entrevistados	19
Quadro 3.3 - Caracterização social dos pais e mães dos jovens <i>gays</i> entrevistados	20
Quadro 3.4 - Idade de consciência e idade de revelação	24
Quadro 3.5 - Circunstâncias do <i>coming out</i> aos pais e mães.....	25
Quadro 3.6 - Número e género dos/as irmãos/ãs dos jovens.....	36

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado em sociologia aborda a revelação da homossexualidade (*coming out*) aos pais e mães segundo a perspectiva dos próprios filhos, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, assentando essencialmente em torno das consequências da revelação. A análise contempla fundamentalmente a forma como os filhos e os seus pais e mães geriram a revelação e os significados de que ela se reveste. Ao mesmo tempo, procurámos enquadrar o contexto familiar e as circunstâncias em que a revelação ocorreu. Interessou-nos por isso analisar, a partir do relato dos jovens, as representações que os pais e mães tinham sobre a masculinidade e a homossexualidade e assim, avaliar em que medida essas representações podem condicionar as reações dos pais e mães relativamente ao filho que lhes revela ter uma sexualidade não-heteronormativa. Por outro lado, são também identificadas as experiências que as associações LGBT (ILGA Portugal; rede ex aequo e AMPLOS) têm acerca do *coming out* dos jovens *gays* aos seus pais e mães, seja mais do ponto de vista dos próprios jovens quando são sobretudo estes que representam (caso da rede ex aequo e da ILGA Portugal), seja do ponto de vista dos pais e mães (caso da AMPLOS – Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género).

A dissertação encontra-se dividida em três capítulos.

No primeiro é abordada a questão do *coming out*. Nessa abordagem exploramos a relação entre poder e sexualidade através da questão da masculinidade, da dominação masculina, da hipótese da repressão e do estigma social. De seguida o *coming out* é enquadrado no contexto da família moderna e são identificados os aspetos que o caracterizam. Por último, exploramos a homofobia na sociedade portuguesa, não esquecendo as conquistas de direitos LGBT recentemente alcançadas.

O segundo capítulo encontra-se reservado à descrição da metodologia utilizada, à exposição das perguntas de partida, do objeto e dos objetivos do estudo.

Por fim, no terceiro capítulo procede-se à análise da informação empiricamente recolhida em dois momentos. No primeiro é feito o mapeamento das visões dos representantes das três associações LGBT (ILGA, rede ex aequo e AMPLOS) em relação ao *coming out* aos pais e mães. O segundo momento aborda a estrutura familiar de origem do jovem *gay*, onde se incluem as representações que os pais e mães têm acerca da masculinidade e da homossexualidade e as circunstâncias em que o *coming out* ocorreu, bem como as principais consequências da revelação da homossexualidade aos pais e mães.

CAPÍTULO I – *COMING OUT* AOS PAIS E MÃES

1.1. O *coming out* entre o poder e a sexualidade

Começamos por localizar a revelação da homossexualidade (*coming out*) aos pais e mães no campo da relação entre poder e sexualidade. Neste capítulo são apresentados os aspetos relativos à repressão da sexualidade, à masculinidade, à dominação masculina e ao estigma social. Será apresentado, essencialmente um mapeamento da forma como as questões da masculinidade, da dominação masculina, e do poder regulatório sobre a sexualidade se relacionam e estabelecem uma ordem social repressiva em relação a uma orientação sexual não heteronormativa.

Em a “História da Sexualidade” (1988 [1976]) Foucault discute o poder repressivo que controla as práticas sexuais. Os séculos XIX e XX foram, aos olhos do autor, séculos da dispersão das sexualidades, sendo que o século XX em particular foi o século iniciador da visibilização da heterogeneidade sexual. Foucault aponta para a emergência das sexualidades periféricas, o que levou ao aparecimento de toda uma estrutura de mecanismos de controlo e de vigilância através da pedagogia e da terapêutica.

Para o autor, a importância do poder não está no nível de opressão, mas sim na forma como o poder é exercido. A função do poder não é a da simples proibição e, dessa forma, o autor identifica quatro operações diferentes de exercício de poder (ibid.: 42-45): (1) A sexualidade das crianças e os seus “hábitos solitários” foram atacados. Neste momento tratou-se, segundo Foucault, de uma campanha secular que mobilizou o mundo adulto em torno da sexualidade das crianças, na medida em que foram implementados mecanismos de vigilância, discursos corretivos; a conduta das crianças foi prescrita e a pedagogia recodificada; a família foi, então, penetrada pelas bases de um regime médico social; (2) Verificou-se dessa forma uma *caça às sexualidades periféricas, onde se inclui a homossexualidade*, que levou à interiorização das perversões e da nova especificação dos indivíduos; esta especificação dos indivíduos também se verificou em torno da pessoa homossexual, a qual, no século XIX, se torna numa espécie cujas condutas se encontram associadas à sua sexualidade; (3) Esta forma de poder, para se fazer exercer, exige uma presença constante a partir de observações, exames, troca de discursos que através de perguntas extraem confissões; (4). Nessa lógica, a sociedade moderna organizou grupos com sexualidade circulante, distribuição de pontos de poder hierarquizados, uma busca de prazeres, desejados e perseguidos, sexualidades toleradas ou encorajadas. Para o autor, a implementação das perversões é um efeito-instrumento, pois é através do isolamento e

da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo se consolidam e se espalham.

O domínio do sexo foi, assim, colocado na lógica do normal e do patológico (ibid.: 66). Dessa forma, como indica Foucault, a sexualidade foi definida como sendo por natureza um domínio passível de ser penetrado por processos patológicos suscitando intervenções terapêuticas e normalizadoras.

Foucault descreve a relação do poder com o sexo na ocidentalidade como uma relação negativa: rejeição, exclusão, recusa, impedimento e ocultação. O poder é o que dita a lei relativamente ao sexo; o que sugere que o sexo é reduzido pelo poder a um regime binário; o lícito e o ilícito, o que é permitido e o que é proibido. Existe por isso, segundo Foucault, uma lógica da censura, na qual a interdição assume três formas: a afirmação de que não é permitido; impedir que se fale; e negar a sua existência. Por fim, de acordo com o autor, *o poder em relação ao sexo opera em todos os níveis institucionais desde o Estado à família*.

Na sociedade atual a homossexualidade ainda é estigmatizada por vários grupos sociais. Erving Goffman em “Estigma” (1986 [1963]), apresenta o estigma como sendo uma característica / atributo que descredibiliza o indivíduo. A homossexualidade insere-se, de acordo com o autor, num tipo de estigma relacionado com características de carácter individual que são percecionadas como vontade fraca e paixões não naturais (ibid.: 4). Segundo Goffman, uma das possibilidades na vida da pessoa estigmatizada é a informação que ela presta às pessoas não estigmatizadas agindo como se o seu estigma não tivesse importância. Porém, quando o seu estigma não é imediatamente aparente ou conhecido de forma antecipada (como ocorre no caso da homossexualidade) a questão não tem que ver com a gestão da tensão gerada nas interações sociais, mas sim com a gestão do próprio estigma: exibir ou não exibir, contar ou não contar, mentir ou não mentir, quando, quem, como e onde (ibid.: 42). É nessa encruzilhada que muitos jovens *gays* parecem encontrar-se no que diz respeito ao *coming out* aos pais e mães.

Como nota Pierre Bourdieu em “A Dominação Masculina” (2013 [1999]), as pessoas homossexuais são vítimas de uma dominação simbólica, uma dominação que se impõe através de atos coletivos de categorização que geram diferenças significativas que envolvem categorias sociais estigmatizadas. A ordem social funciona, para Bourdieu, como uma máquina que se baseia na divisão sexual do trabalho, distribuição muito estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, do seu espaço, do seu momento. A família é, em Bourdieu, a instância que mais assume o papel na reprodução da dominação e da visão masculina. Segundo o autor, a primazia que é reconhecida aos homens reflete-se nas estruturas sociais e nas atividades produtivas e reprodutivas. A dominação masculina, enquanto violência simbólica, surge em Bourdieu, então

como um *habitus*, esquema que funciona como uma matriz de percepções, pensamentos e ações de todos os membros da sociedade e que se impõe a qualquer agente como transcendente.

A ordem estabelecida, a distribuição vigente de poderes e privilégios – (a dominação masculina, heterossexual, branca e burguesa) são justificadas a partir de um abstracionismo universal (Bourdieu, 1997: 86). A inexistência de personalidade é o paradigma presente nos discursos e nas práticas em relação aos grupos dominados e estigmatizados, os quais são convocados à ordem do “universal” a partir do momento em que se mobilizam para reivindicar os direitos à universalidade que lhes são de facto recusados (ibid.: 88-89).

Há ainda a acrescentar o reconhecimento da (co)existência de múltiplas masculinidades, que se faz acompanhar da ideia de que algumas formas de masculinidade e feminilidade são socialmente mais valorizadas do que outras (Wharton, 2005 :5). Dessa forma as relações que se estabelecem entre diferentes tipos de masculinidade e de feminilidade são entendidas como relações de dominação e subordinação (ibid.: 5). Em “Masculinities” (1995), Connell conceptualiza as relações de poder que se estabelecem entre a masculinidade hegemónica e a masculinidade subordinada. A masculinidade hegemónica é uma configuração de género que incorpora em si a legitimação do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. Este tipo de masculinidade é construído em relação às mulheres e às masculinidades subordinadas. A característica chave da masculinidade hegemónica contemporânea é a heterossexualidade, estando também estritamente ligada à instituição do casamento. A autora considera que nas sociedades europeias e americanas contemporâneas o caso mais notável das relações de dominação e subordinação é precisamente o domínio dos homens heterossexuais e a subordinação dos homens homossexuais. Segundo a autora, as masculinidades homossexuais encontram-se no fim da hierarquia de género respeitante aos homens, isto é, a homossexualidade masculina no esquema de pensamento patriarcal é o repositório de tudo o que está simbolicamente fora da masculinidade hegemónica.

O conceito de “imaginário heterossexual” cunhado por Ingraham (1996: 169) corresponde a um esquema de pensamento que oculta a operação da heterossexualidade na estrutura do género e que exclui toda e qualquer análise crítica da heterossexualidade enquanto estrutura organizadora, e a consequência de tal funcionamento é a de que a heterossexualidade circula como um dado adquirido, natural e inquestionável. A heteronormatividade surge, dessa forma, como um sistema de práticas legais, institucionais e culturais, que promovem suposições binárias acerca do género, estabelecendo que a única atracção sexual aceitável e natural é entre os dois géneros opostos (Kitzinger, *apud* Oliveira *et.al*, 2012: 150).

À heteronormatividade, junta-se então a homofobia, termo cunhado pelo psicólogo George Weinberg, que corresponde ao sentimento de hostilidade para com as pessoas homossexuais (Herek, 2004 *apud* Poeschl, Venâncio e Costa: 35). Ao nível macro, a homofobia será por certo uma estigmatização estruturada, seja por via do heterossexismo, que é a manifestação da homofobia nas instituições sociais, que tenta preservar o estatuto do grupo dominante e do não dominante e denegrir todo e qualquer comportamento não heterossexual (Herek, 2004 *apud* Poeschl, Venâncio e Costa, 2012: 36), seja por via do preconceito social, uma resposta emocional geralmente negativa ao grupo de pessoas não heterossexuais (Schneider, 2004 *apud* Poeschl, Venâncio e Costa, 2012: 36). Assim, o heterossexismo e o preconceito sexual constituem barreiras que impedem as pessoas homossexuais de se sentir confortáveis com a sua orientação sexual e de a revelar sem problemas (Poeschl, Venâncio e Costa, 2012: 38).

Como vimos, Foucault, Bourdieu e Connel abordam a relação entre sexualidade e poder a partir de abordagens diferentes. Foucault problematiza a hipótese repressiva, enquanto Bourdieu observa que as pessoas homossexuais são alvo de violência simbólica na forma de dominação masculina. Connel, por sua vez, conceptualiza o domínio dos homens heterossexuais e a subordinação dos homens homossexuais. Porém, é possível intersetar as perspetivas desses autores de modo a fazer uma esquematização da sociedade relativamente à relação entre sexualidade e poder. É o que nos propomos a fazer, tendo também em consideração a questão da heteronormatividade e da homofobia, as quais terão um lugar central nessa esquematização.

Começamos por aferir que a heteronormatividade é um padrão normativo sustentado na masculinidade hegemónica e heterossexual do qual resulta a homofobia. A heteronormatividade e a homofobia são a égide da violência simbólica – dominação masculina - de que jovens *gays* e lésbicas são alvo e um dos expoentes dessa violência simbólica é a invisibilidade - o “armário” -, assegurando dessa forma a hegemonia da masculinidade heterossexual. É nesse aspeto que, afinal de contas, encontramos a hipótese repressiva sugerida por Foucault, ou seja, o controlo social exercido sobre as sexualidades periféricas.

Estes aspetos de dominação e poder exercidos sobre as sexualidades marginalizadas estruturam a sociedade e, como se viu acima, a família é uma das instituições que mais reproduz a dominação masculina, logo, conseqüentemente, é uma das que mais reproduz a heteronormatividade e a homofobia.

Assim, o *coming out* do jovem *gay* aos seus pais e mães vem como que desafiar e pôr em teste toda uma estrutura social heteronormativa. Neste sentido, convém equacionar: até que

ponto a heteronormatividade e a homofobia, presentes nos *habitus* individual e social, estruturam as reações parentais face ao *coming out* do jovem *gay*.

1.2. O *coming out* e a família

Ao abordar a problemática do *coming out* dos jovens *gays* aos seus pais e mães, é indispensável ter em linha de conta as questões da família no contexto da modernidade para melhor compreender os contornos e os aspetos que lhe estão subjacentes.

Foi com o advento da modernidade que a família se tornou num “sistema que se organiza em torno da criança e das suas necessidades de amor, segurança, disciplina e investimento” (Cunha, 2002: 27). Neste contexto, a criança é essencialmente encarada como alguém de estatuto e personalidade próprios e fruto do amor dos pais e mães (Almeida, 2000: 15). Uma vez que falamos nas relações de afeto dos pais e das mães para com o filho, faz sentido abordar o conceito de laço social.

Segundo Paugan (2012: 1) o laço social é definido por duas dimensões: a da proteção e a do reconhecimento. A proteção está relacionada com os meios que o sujeito pode mobilizar de forma a enfrentar a vida, enquanto o reconhecimento remete para interação social (ibid.: 2). Assim, os laços que asseguram a proteção individual e reconhecimento adquirem uma dimensão afetiva que reforça as interdependências humanas (ibid.: 2).

Em particular, os laços sociais de carácter filiativo (entre pais, mães e filhos) proporcionam a solidariedade intergeracional, proteção e reconhecimento orientado para a vertente afetiva (ibid: 5). Assim, o laço filiativo prende-se essencialmente com a formulação dos aspetos da socialização e da identidade (ibid.: 5).

Ao mesmo tempo surge na família o valor da igualdade entre os cônjuges, novos valores educativos, acesso a métodos contraceptivos, maior valorização do indivíduo e menor subordinação do casal à família no seu conjunto, entre outros (Almeida *et al.*, 1998: 51). Efetivamente, a modernização da família surge com o declínio do modelo de “ganha-pão masculino” nas sociedades europeias que se deve às mudanças nos modelos culturais de género e aos comportamentos das famílias em relação ao mercado de trabalho (Wall, Aboim e Marinho, 2010: 313). A passagem do modo de produção familiar para o modo de produção capitalista viabilizou a evolução da família institucional, centrada em fins instrumentais, para uma *família companheirista* centrada nos afetos e no bem-estar dos seus membros (Burgess *et. al*, 1960 *apud* Cunha, 2002: 51).

No que diz respeito à relação entre pais, mães e jovens, é a partir da última década do século passado que se consolida um modelo familiar orientado por negociações com uma

autonomia alargada para os jovens a partir de limites fixados pelos pais e mães (Fize, 1990 *apud* Segalen, 1999: 203). E qual a situação dos jovens, neste caso particular os jovens portugueses, no que diz respeito à emancipação face aos pais e à subsequente transição para a vida adulta?

De acordo com Banks *et al.* (*apud* Guerreiro e Abrantes, 2007: 41), a “escolha crítica” que é tomada entre os 16 e os 20 anos em que se opta por seguir a via escolar ou a via profissional, conduz a dois modelos de transição. A via profissional confere autonomia económica, estatuto social e responsabilidades, o que resulta em “transições aceleradas”. A via escolar, por seu turno, prolonga a situação de dependência familiar e inviabiliza, ao mesmo tempo, o prosseguimento dos encargos associados à vida adulta.

Um estudo realizado no contexto nacional mostra que a maioria dos jovens portugueses acaba por permanecer em casa dos pais, adiando a sua saída de casa, sendo que por vezes a permanência na casa dos pais continua alguns anos depois da entrada no mercado de trabalho e, em alguns casos, até depois dos 30 anos (Guerreiro e Abrantes, 2007: 106).

Apesar de todas estas alterações, a família ainda é considerada uma instituição central na produção, reprodução, aprendizagem e representação das masculinidades (Guerreiro, Caetano e Rodrigues, 2008: 5). Assim, as características associadas à construção bem-sucedida da masculinidade, como a independência, a assertividade, a distância e frieza emocionais podem tornar-se difíceis de conciliar com outras características cada vez mais associadas a uma vivência adequada das experiências da paternidade, a saber: o apoio desinteressado, carinhoso, próximo, a abertura emocional e a interdependência, etc. (*ibid.*: 5-6). É preciso ainda ter em atenção a multiplicidade de modelos de família, também na sociedade portuguesa, coexistindo diferentes modelos culturais de paternidade, desde a persistência dos tradicionais, à emergência de novos e ainda a modelos híbridos (*ibid.*: 7-8).

A homossexualidade raramente se encontra associada às questões da família (Frazão e Rosário, 2008: 34). De facto, a cultura popular raramente perspetiva as pessoas *gays* e *lésbicas* como membros de uma família e determinados sectores da sociedade consideram as pessoas *gays* e *lésbicas* como anti-família (Pachankis & Goldfried, 2004, *apud* Frazão e Rosário, 2008: 34). Um desses exemplos é o dos movimentos que se manifestam contra a aquisição de direitos para as pessoas homossexuais, como é o caso do casamento ou da adoção, se autodenominarem “movimentos a favor da família”, tendo, pois, subjacente que as identidades e práticas homossexuais serão o oposto da família.

Em última instância, é de admitir que a mudança das formas familiares, das noções da infância e do papel dos pais e mães têm profundas consequências na construção da

heterossexualidade, homossexualidade e outras categorias sociais, sendo que as emoções são estruturadas segundo diferentes formas e pressões sociais (Weeks, 1996: 42-43).

1.3. O *coming out* – Aspectos da revelação da homossexualidade

Sendo o *coming out* dos jovens *gays* aos pais e mães o objeto central deste estudo, importa abordar os aspectos que são inerentes. Para efeitos deste estudo, o *coming out* é “o assumir de uma identidade não heterossexual” (Oliveira *et al.*, 2010: 149).

Em “Epistemologia do Armário”, Sedgwick (2008) expõe importantes contributos para a compreensão dos aspectos estruturais que estão por detrás do *coming out*. De acordo com Sedgwick, durante o processo de revelação da identidade homossexual surgem questões de autoridade e de evidência, tais como: “Como sabes que és mesmo *gay*? Porquê tanta pressa para tirar essas conclusões, apenas o dizes com base em alguns sentimentos e não em ações, não é melhor falares com o médico para tirar as dúvidas?”. Para a autora este tipo de questões demonstram o quão problemático é o conceito da identidade homossexual.

Quando as pessoas fazem o *coming out* numa sociedade homofóbica fazem-no com consciência de um potencial danoso (ibid.: 80). Esse potencial danoso do *coming out* resulta, segundo Sedgwick, do facto de a identidade erótica da pessoa que recebe a revelação poder ser implicada nesse processo. Isso ocorre porque as incoerências e contradições da identidade homossexual são evocativas das incoerências e das contradições da heterossexualidade compulsiva.

O armário é, para Sedgwick (2008: 71), a estrutura que mais define a opressão de que as pessoas homossexuais são alvo. O armário pode ser interpretado como um problema oculto ou privado, sempre presente e passível de poder vir a público (ibid.: 64). A vivência do armário é uma performance iniciada por um discurso de silêncio, um silêncio que resulta em relação aos discursos. A vivência do armário parece ser ainda mais efetiva quando “os/as jovens forçam-se a agir em concordância com o que é expectável para o seu género e assumem comportamentos heterossexuais o que gera sentimentos de negação e confusão em relação a si” (Lipkin, 2004, *apud* Correia, 2014: 36). Numa outra perspetiva, a ambiguidade entre o libertar-se e o conformar-se explica a complexidade deste processo tão rico e tão singular, tornando-se difícil encontrar um padrão que efetivamente reflita a realidade das experiências vividas pelas pessoas LGB (Correia, 2014: 36).

Myers (1982, *apud* Frazão e Rosário, 2008: 34) elenca seis aspetos que podem facilitar ou motivar a revelação da orientação sexual: (1) Os movimentos de libertação *gay* que

promovem a autoaceitação, a autoestima e a disseminação de informação; (2) o tormento emocional provocado pela existência de uma vida dupla que gera o afastamento em relação à família de origem; (3) o processo de formação de uma identidade homossexual que leva à aceitação de si próprio como homossexual; (4) a existência de um processo psicoterapêutico que pode levar a uma relação mais honesta consigo mesmo, com os amigos e os familiares, um efeito que pode levar a um aumento de confiança para revelar a sua orientação sexual; (5) o desenvolvimento de uma relação amorosa; (6) motivos destrutivos em que a revelação da homossexualidade pode ser mobilizada como um ato de rebeldia ou confrontação.

Os benefícios da revelação da homossexualidade traduzem-se no aumento do bem-estar psicológico e da autoestima, mas, por outro lado, aumentam o risco de isolamento social e de represálias físicas (Corrigan e Matthews, 2003 *apud* Poeschl, Venâncio e Costa, 2012: 39).

De acordo com Jeffrey Weeks (1996: 59), o controlo sobre as variações sexuais reforçou e moldou o comportamento homossexual, e o custo da regulação moral foi muito elevado em termos de ansiedade, culpa induzida e sofrimento das pessoas que não se encaixam na heterossexualidade.

Por fim, é importante não esquecer que os outros níveis de diferença e de poder, como os culturais ou socioeconómicos, afetam as diferenças sexuais e que o processo de revelação de uma orientação sexual que não obedece às regras e normas em vigor é mais difícil quando, do ponto de vista do estatuto socioeconómico e cultural, se detém pouca autonomia (Amaral e Moita, 2004: 112).

Face às transformações ocorridas na família e à diversidade de modelos familiares, que contornos tomam as revelações e as consequências do *coming out* do jovem *gay* ao pai e à mãe atualmente na sociedade portuguesa?

1.4. A sociedade portuguesa e a homossexualidade

O *coming out* aos pais e mães tem de ser contextualizado no espaço e no tempo em que ocorre. A sociedade portuguesa ainda pode ser vista como uma sociedade que perpétua determinados hábitos que aumentam o preconceito e a diferença entre o aceitável e o inaceitável (Amaral e Moita, 2004: 113). Tão forte é essa tradição que as questões relacionadas com a homossexualidade apenas começam a ser discutidas abertamente em Portugal na década de 1990, em virtude do trabalho desempenhado pelas associações LGBT (*ibid.*: 102).

Segundo Amaral e Moita (2004: 105-106), a homofobia da sociedade portuguesa pode ser explicada pelo facto de Portugal ser um país com fortes vínculos à Igreja católica, a qual

sempre manifestou posições caracterizadas por um conservadorismo que oscila entre a homofobia e uma tolerância disfarçada.

Especialmente esclarecedor das atitudes da população portuguesa face à homossexualidade é situá-la face a outros países europeus. Interrogados, no âmbito do *European social Survey* (2014) acerca do grau de concordância (em que 1 representa “concordo fortemente” e 5 “discordo fortemente”) em relação à afirmação “As pessoas homossexuais devem viver a sua vida como desejarem”, Portugal apresenta um valor positivo de concordância com a afirmação (2,1), mas ainda consideravelmente inferior ao da generalidade dos países nórdicos e de Espanha (todos com valores iguais ou inferiores a 1,6).

Também é interessante situar, no contexto europeu, a posição da população portuguesa quanto à questão da adoção de crianças por casais homossexuais. Os dados do *European Values Study* (2008) acerca do grau de concordância relativamente à afirmação “Os casais homossexuais deviam poder adotar crianças” (em que 1 representa “concordo fortemente” e 5 representa “discordo fortemente”) revelam que Portugal apresenta um valor intermédio (3,8) muito próximo da discordância e, mais uma vez, consideravelmente inferior ao dos países nórdicos e de Espanha (para todos igual ou inferior a 2,9).

Localizando-se o nosso país numa posição intermédia, embora mais próxima da aceitação da liberdade de orientação sexual, e com reservas relativamente à adoção de crianças por parte de casais homossexuais, será interessante perceber como se comportam os pais e as mães quando a situação lhe diz diretamente respeito.

Apesar da tradição homofóbica característica da sociedade portuguesa, como de outras, é inegável que “Nas últimas décadas, a reconstrução das sexualidades marginalizadas ganhou força e visibilidade crescentes em Portugal” (Aboim, 2013: 67). Em particular a década de 1980¹ constituiu um período de transformação no debate em torno da homossexualidade, não só devido à epidemia do VIH/sida mas também pelas próprias mudanças internas no movimento LGBT (ibid.: 69-70).

Como nota Vale de Almeida (2010: 60), a promulgação da lei das uniões de facto (Lei n.º 7/2001) é um ponto de viragem importante nos direitos LGBT. De facto, foi a partir dessa promulgação que se tem registado em Portugal uma surpreendente vaga de conquista de direitos relacionados com a orientação sexual: Em 2003 é revisto o Código do Trabalho (Lei n.º 99/2003) que veio garantir a punição da discriminação no trabalho e no emprego com base na

¹ Recorde-se também que a homossexualidade em Portugal foi descriminalizada no ano de 1982 (Aboim, 2013: 68).

orientação sexual (ibid.: 50). No ano seguinte, o artigo 13º (Princípio da Igualdade) da Constituição da República passa a abranger a orientação sexual (ibid.: 51). No ano de 2010, a 8 de janeiro, é aprovado o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo (ibid.: 90). E em 2015, depois de um período conturbado de tentativas de a fazer aprovar, é finalmente aprovada no parlamento a adoção plena de crianças por casais homossexuais.

Tendo em linha de conta as recentes conquistas de direitos LGBT, é interessante perceber se, e de que forma, essas conquistas promovem uma maior aceitação da orientação (homo)sexual do filho por parte de pais e mães.

CAPÍTULO II - QUADRO METODOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo é reservado à descrição do quadro metodológico de investigação que orienta o trabalho empírico desta dissertação. É apresentada a definição do objeto e dos objetivos de estudo, bem como as perguntas de partida do trabalho científico, a metodologia e técnicas adotadas e a seleção da amostra.

2.1. Definição do objeto e objetivos do estudo

Esta dissertação de mestrado em sociologia tem como objeto de estudo as consequências do *coming out* dos jovens *gays* aos pais e mães. Pretendemos assim, explorar os aspetos das consequências resultantes da revelação de uma sexualidade não normativa aos pais e mães, tendo em consideração o contexto sociofamiliar no qual essa revelação ocorre. Formularam-se, assim, as seguintes perguntas de partida: (1) Quais são as principais reações dos pais e mães perante o *coming out* do filho *gay*? (2) O que muda na relação entre os pais / mães e o jovem *gay* após o *coming out*? (3) Quais são as visões que os pais e mães, a partir dos relatos do filho, tinham sobre a homossexualidade e a masculinidade? (4) Quais são as visões dos responsáveis por associações LGBT acerca do *coming out* dos jovens aos pais e mães?

Tendo em conta a procura de respostas a essas perguntas orientadoras, a dissertação tem como principais objetivos: 1) Identificar as representações que, segundo o filho, o pai e a mãe tinham sobre a masculinidade e a homossexualidade antes do *coming out* do seu filho; (2) Caracterizar as circunstâncias em que ocorreu o *coming out* aos pais e mães; (3) Identificar as principais reações que o pai e a mãe tiveram perante o *coming out* seu filho; (4) Explorar as consequências que o *coming out* teve na relação dos jovens *gays* com os seus pais e mães; (5) Mapear a visão dos representantes de associações LGBT acerca do *coming out* dos jovens *gays* aos pais e mães.

2.2. Metodologia, técnicas de recolha de informação e seleção da amostra

Para a concretização dos objetivos anteriormente definidos, o nosso quadro metodológico assenta no método qualitativo, mais especificamente numa estratégia de investigação comparativa-tipológica. Segundo Firmino da Costa (1999: 10) este tipo de estratégias de investigação debruça-se sobre um número de unidades de análise mais reduzido do que no caso das estratégias extensivas-quantitativas, mas ainda assim significativo, e utiliza instrumentos de pesquisa flexíveis e procedimentos de recolha de informação de média intensidade, sendo que a técnica mais comum é a entrevista. O objetivo desta estratégia de investigação é o de conseguir captar a diversidade de um fenómeno social (ibid: 10). Os resultados mais importantes concentram-se sistematizados numa tipologia, sendo que as unidades estudadas são comparadas e procura-se organiza-las por tipos, de acordo com um conjunto de atributos dimensionais (ibid: 10).

Os sujeitos empíricos centrais deste estudo são os jovens *gays* com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos que já revelaram a sua orientação sexual ao seu pai e/ou mãe. O discurso dos jovens foi complementado pelo testemunho de representantes de três associações LGBT: ILGA, rede ex aequo e AMPLOS.

A amostra dos jovens que revelaram a sua homossexualidade aos pais e mães foi constituída em bola de neve partindo de uma amostra restrita à qual se acrescentam pessoas até a amostra estar completa (Almeida e Pinto, 1990: 122). No contacto com os jovens foi ativada a rede de contactos pessoais (incluindo a rede social *Facebook*) com jovens *gays* e pessoas que conhecessem jovens *gays*. A partir desse procedimento os jovens foram gradualmente adicionados à amostra. Adicionalmente entrou-se também em contacto com a rede ex aequo solicitando a divulgação do nosso estudo no sentido de encontrar jovens com o perfil desejado.² Considerou-se que a amostra estaria completa assim que a saturação da informação fosse atingida. Por seu turno, a amostra relativa às associações LGBT é composta por um representante de cada uma das associações referidas acima e visava essencialmente identificar as interpretações que são feitas por aqueles responsáveis relativamente ao *coming out* do jovem homossexual aos seus pais e mães. Pretendeu-se que essa amostra contribuísse para uma melhor compreensão do *coming out* do jovem homossexual aos seus pais e mães.

As entrevistas aplicadas aos jovens *gays* seguiram a tipologia de entrevista semi-diretiva, a qual permite que os entrevistados estruturem e desenvolvam o seu pensamento em

² Através deste procedimento foi possível adicionar dois jovens (Filipe e Jorge) à amostra.

torno da temática perspectivada, mas que elimina do campo de interesse as considerações para as quais os entrevistados se deixam levar e exige o aprofundamento dos pontos que o entrevistado poderá não ter explicitado (Ruquoy, 1997: 87). Inclui uma componente de relato de vida, que tem como referência diferentes sequências temporais da vida do sujeito (ibid.: 88). No caso do nosso estudo as sequências de vida consideradas referem-se ao período de tempo anterior e posterior à revelação da homossexualidade aos pais e mães.

O guião de entrevista direcionado aos jovens encontra-se dividido em quatro partes estruturantes. Na primeira analisa-se a origem familiar do entrevistado, caracterizando o grau de escolaridade, a atividade profissional e as representações sobre a masculinidade e a homossexualidade dos pais e mães. A segunda parte diz respeito ao relacionamento que este tem ou teve com os seus pais; a terceira aborda o *coming out* propriamente dito, em que se tenta identificar as circunstâncias em que o jovem revelou a sua identidade homossexual aos seus pais; o terceiro momento remete para as consequências resultantes do processo de *coming out*. Visa-se explorar a fundo esses elementos e tentar estabelecer uma relação entre o *coming out* e a estrutura familiar dos jovens *gays*. O guião das entrevistas abarcou as variáveis consideradas importantes na abordagem do processo de *coming out* tendo em vista uma melhor contextualização das consequências daí resultantes. A maioria das entrevistas realizadas aos jovens foram efetuadas presencialmente, sendo que as restantes (seis)³ foram realizadas via *Skype*. A realização das entrevistas via *Skype* é justificada pela necessidade de ultrapassar os custos inerentes às deslocações e corresponder à disponibilidade dos entrevistados.

Relativamente aos representantes das associações LGBT, as entrevistas também seguiram a tipologia semi-diretivas e foram realizadas presencialmente.

O guião de entrevista direcionado às associações divide-se em duas partes distintas. A primeira diz respeito ao trabalho desenvolvido pelas associações LGBT no âmbito do *coming out* aos pais. A segunda parte, por sua vez, visava as perspetivas dos representantes destas associações relativamente ao processo da revelação aos pais e as suas consequências.

³ Ângelo, Bernardo, Diogo, Fernando, João e Luís.

CAPÍTULO III – O *COMING OUT* AOS PAIS E MÃES: Contextos e consequências

3.1. As associações LGBT e o *coming out* aos pais e mães: ILGA, rede ex aequo e AMPLOS

No sentido de elaborar um melhor enquadramento para a análise do nosso objeto de estudo entrevistaram-se três associações LGBT. A rede ex aequo - Associação de jovens lésbicas, *gays*, bissexuais, transgéneros e simpatizantes em Portugal, dirigida aos jovens LGBT com idades entre os 16 e os 30 anos de idade, a ILGA Portugal - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero, destinada à população LGBT em geral e a AMPLOS – Associação de Pais e Mães pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género, sobretudo vocacionada para o apoio a mães e pais.

O representante da ILGA-Portugal ocupa o cargo de gestor de projetos, tendo iniciado esse cargo no início de 2016. Este representante conta já com nove anos de associativismo LGBT. O representante da rede ex aequo entrevistado ocupa o cargo de secretário desde finais de 2015. A sua experiência no associativismo LGBT é de cinco anos. A representante da AMPLOS é a fundadora e presidente da associação, sendo que o seu envolvimento no associativismo LGBT, teve início com a fundação da associação no ano de 2010.

Quadro 3.1 - Caracterização dos representantes das associações LGBT

Associação	Sexo	Cargo desempenhado	Início de desempenho do Cargo	Anos de associativismo LGBT
ILGA	Masculino	Gestor de projetos	2016	9 anos
rede ex aequo	Masculino	Secretário	2015	5 anos
AMPLOS	Feminino	Presidente	2010	6 anos

Procurámos perceber, junto dos representantes dessas três associações, em que medida o *coming out* aos pais e mães podia constituir um problema para os jovens homossexuais que contactam as suas associações. O representante rede ex aequo dá conta de que há um número de jovens homossexuais que não sentem necessidade de contar aos pais e mães a sua orientação sexual. Já a representante da AMPLOS aponta para a incógnita das reações dos pais e mães face ao *coming out*, sendo que essa incógnita é percecionada como o problema central da revelação. O representante da ILGA menciona, à semelhança do representante da rede ex aequo, que há jovens que, apesar de fazerem o *coming out* a si próprios, não têm necessariamente que fazer o *coming out* à família no momento inicial.

De forma unânime os representantes das associações LGBT entrevistados afirmam que é mais fácil fazer o *coming out* aos pais e mães na atualidade do que seria há 10 anos atrás. Para esta mudança são apontados fatores como a maior visibilidade da comunidade LGBT, mais liberdade individual na família e na sociedade, mais informação e, ainda, o contacto das associações LGBT com as escolas do 3º ciclo e do ensino secundário sob a forma de sessões informativas acerca das questões da orientação sexual. Quanto maior a visibilidade, menor será o preconceito, defende o representante da rede ex aequo. Por seu lado, a representante da AMPLOS sublinha a mudança e as potencialidades que constitui o facto de os próprios pais e mães serem ativistas no âmbito das questões LGBT, o que contribui para a visibilidade e para uma maior facilidade dos jovens em fazer o *coming out* aos pais e mães.

“Sim, achamos que sim, é mais fácil. Tem sido feito um trabalho muito grande a nível de visibilidade e a visibilidade, na nossa opinião, acaba com o preconceito. Ainda não acabou com o preconceito todo, mas notamos uma diferença. Notamos que cada vez mais cedo os jovens se calhar se apercebem mais cedo, ou sentem que é mais seguro poderem viver a sua sexualidade de uma forma mais liberal. Diria que a sociedade tem evoluído bastante como um todo.” (rede ex aequo)

“Quando os pais começam eles próprios a serem ativistas, acho que isso ajuda imenso a que os pais sintam, se aqueles pais são capazes, porque é que eu não terei de ser? Temos as leis aprovadas na Assembleia da República, a divulgação que faz a ILGA, a rede ex aequo, as idas à escola, a posição das escolas em relação a estas questões.” (AMPLOS)

“Sim, muda e melhora em dois aspetos: do lado do próprio jovem porque há muito mais liberdade, há muito mais informação, há menos preconceito e mesmo hoje em dia é rara a semana em que não há contacto com nenhuma escola de 3º ciclo ou do secundário. Há muita informação a circular e há muito mais quebra de tabus.” (ILGA)

Os meios de comunicação social também são vistos como bons contribuidores para a visibilidade. A conquista de direitos LGBT é igualmente salientada pelas associações, como elemento facilitador da aceitação da orientação sexual dos/as filhos/as.

“Houve várias conquistas como a questão do casamento e mais recentemente a questão da adoção. Isso traz visibilidade e aceitação. A questão da visibilidade é muito importante para os pais. Os pais começam a ver, a televisão e os meios de comunicação acabam por ajudar a chegar aos pais, através das telenovelas, outras campanhas e isso, acreditamos que tem um impacto para a forma como os pais vão aceitar a homossexualidade dos seus filhos.” (rede ex aequo)

“Sim. A generalidade dos avanços legais, sim. A generalidade das repercussões mediáticas junto dos órgãos de comunicação social também ajuda. Quando um órgão de comunicação social tem um programa em horário nobre e se convida alguém para falar sobre determinado assunto ou uma peça jornalística que dá espaço de antena para que organizações LGBT falem na primeira pessoa e desmistifiquem aquilo que é, é a melhor maneira de passares a mensagem.” (ILGA)

Quanto à decisão do momento da revelação, o representante da ILGA considera que, para que o *coming out* aos pais e à restante família seja bem-sucedido, a condição primeira é que o jovem se sinta bem consigo próprio.

“Eu acho que a melhor maneira de um jovem contar à família que é homossexual é estar bem consigo próprio e, desde o momento em que se aceita, sabe quem é, e que se aceita, e que gosta de si, torna-se mais fácil porque tem mais força para falar com a família.” (ILGA)

Para a representante da AMPLOS, o *coming out* aos pais e mães tenderá a ser bem-sucedido se feito antes da idade adulta, pois quando ocorre já nessa etapa da vida pode haver mais sentimentos de culpa.

“Eu acho que quando é feito da forma mais precoce, quando a revelação já é feita na idade adulta ou na adolescência; na idade adulta é mais complicado porque há mais sentimentos de culpa. Eu penso que quando os jovens falam abertamente com os pais em idade precoce têm probabilidade de ser bem-sucedida.” (AMPLOS)

O entrevistado da rede ex aequo sublinha a visibilidade LGBT como condição para um *coming out* bem-sucedido aos pais e mães. Assim, esse representante aponta também para a necessidade de educar os pais e mães para as questões da orientação sexual e também para as questões de gênero, para que estes não criem expectativas quanto à orientação sexual do filho e ainda para que o processo de *coming out* aos pais e mães seja natural.

“Certamente que passa pela visibilidade, pelo respeito. Havendo mais visibilidade a chegar aos pais. Eu acho que é preciso educar os pais (...). Acho que o mundo ideal será quando os próprios pais não criarem uma expectativa em relação à orientação sexual dos filhos. Daí que eu acho que o processo passa pela educação dos pais e a forma como eles educam os jovens para que para os jovens seja um processo tão natural como é para um heterossexual que nunca faz um *coming out* aos pais.” (rede ex aequo)

Nesse contexto, o representante da ILGA menciona que para alguns pais e mães surge a questão de como proteger mais os filhos homossexuais após receberam a revelação da sua orientação sexual, enquanto outros pais e mães se interrogam se educaram bem os seus filhos.

“Muitas vezes o problema não é em dizer à família que a pessoa é homossexual. É o que vem depois disso. O que é que eu vou ter de passar com a minha família. Muitos pais têm o pensamento “será que eduquei bem?”. Depois há aquela minoria de pais que é: “Sim senhor, o meu medo não é se te eduquei bem, mas é como é que te vou proteger mais”.” (ILGA)

No que se refere à importância de fazer o *coming out* aos pais e mães, o representante da rede ex aequo afirma que, para a maioria dos jovens gays, o *coming out* aos pais e mães é visto como algo importante, mas que há jovens que não sentem necessidade de revelar a sua orientação sexual ao seu pai e mãe. Além disso, alerta para a possibilidade dos jovens puderem ser expulsos de casa ou de serem encaminhados pelos pais e mães para terapias de conversão. Por sua vez, a representante da AMPLOS considera que o *coming out* aos pais e mães pode significar o

início de um “inferno” ou de uma vida mais facilitada para o jovem que sente coragem para proceder à revelação. Já o representante da ILGA refere que a revelação da homossexualidade aos pais e às mães depende do relacionamento que o jovem tem com o seu pai e mãe.

“É muito delicado quando falamos de jovens que estão dependentes dos pais e este também é um dos medos que os jovens sentem, que é não são maiores de idade ou, mesmo sendo maiores de idade, estão financeiramente dependentes dos pais e por isso o risco é muito maior de contarem aos pais e de serem expulsos de casa ou de haver uma reação menos positiva. Fazer o *coming out* para a maioria dos jovens, diria que é importante, ou seja, como te disse, há casos em que os jovens não sentem necessidade de contarem aos pais. Também nos chegam casos em que, quando os pais sabem, recorrerem a terapias de conversão e a outros tipos de práticas que obviamente nós somos contra. Por isso existe um risco muito grande associado ao contar aos pais.” (rede ex aequo)

“Isso depende das situações. Pode ser o começo de um inferno para os jovens ou também pode ser o começo de uma vida muitíssimo mais facilitada, não é? E, portanto, nós nunca empurramos os jovens para essa situação. Agora, quando os jovens sentem que têm coragem... e, no fundo, o que nós fazemos mais é tentar perceber qual é a situação dos pais e tentar tirar-lhes algum peso de cima.” (AMPLOS)

“É assim, se eu tiver uma má relação familiar a importância, a meu ver, será pouca.” (ILGA)

No âmbito das reações dos pais e mães face ao *coming out*, o representante da ILGA e o representante da rede ex aequo tiveram dificuldade em indicar qual dos progenitores reage melhor à revelação da sexualidade dos filhos, sendo que para esses representantes as reações do pai e da mãe podem variar muito. Porém, a representante da AMPLOS refere que as mães tendem a reagir melhor do que os pais, apesar de as mães também manifestarem mais abertamente a sua frustração ou desgosto do que os pais, os quais tendem a remeter-se ao silêncio.

“A mãe. Embora as mães sejam mais exuberantes na manifestação do seu desgosto ou frustração, também são mais as mães que ultrapassam essa situação e que falam sobre as coisas. Há uma atitude muito corrente nos pais que é não perguntar, não falar e muitas vezes não saberem, porque as mães chegam muitas vezes a não falar com os pais. Os pais mantêm um grande silêncio em relação a essas questões.” (AMPLOS)

Quanto às consequências do *coming out*, o representante da ILGA considera que as expectativas de descendência associadas ao filho são quebradas, ou seja, surge nos pais e mães o pensamento de não vir a ter netos, principalmente se estivermos a falar de pais e mães com filho único. Este pensamento surge em boa parte pelo facto de a homossexualidade ser encarada como uma sexualidade não procriativa e também pelo facto de a sociedade colocar um grande peso na descendência direta. Não obstante, esse representante sublinha que uma pessoa só será avó se o seu filho decidir ter filhos e que essa decisão deve ser respeitada. Para os representantes da rede ex aequo e da AMPLOS, o *coming out* aos pais pode criar uma maior ligação entre os pais e o filho ou pode criar um afastamento entre eles.

“É assim, não há nenhum pai que salte de alegria quando eu filho lhe conta que é *gay*, vai sempre haver aquele pai que vai ser neutro que vai dizer: “ok, tudo bem” e para o jovem isso até pode ser frustrante porque às vezes o jovem pode estar a pensar que uma coisa vai custar muito mais a dizer à família, depois para a família é a coisa mais natural (...) há pais que vão sempre questionar. Um dos grandes problemas ainda nas famílias... vamos supor pai e mãe com um filho único e que sabem que o filho é homossexual... acho que uma das grandes dificuldades não vai ser perceber que o filho é homossexual mas o preconceito que é: “então se és *gay* não vais casar com uma mulher, não vais ter filhos, eu não vou ter netos”, quando isso não se coloca porque existem N de maneiras de uma pessoa ter netos.”(ILGA)

“Ou cria uma melhor ligação entre os pais e os filhos ou cria um afastamento. Na maioria dos casos eu diria que cria uma maior ligação. Muitos jovens dizem-nos que têm esta dificuldade que é: assumem-se aos pais, os pais aceitam mais ou menos ou ficam com aquela reação que não sabem muito bem o que dizer e depois o assunto morre aí. (...) há, de facto, jovens que nos dizem que têm de fazer outro *coming out*.” (rede ex aequo)

“Depende dos pais e das mães. Pais que encarem de forma negativa podem criar um conflito dentro da família. Idealmente aproxima as pessoas e torna a relação melhor entre pais e filhos porque há uma posição mais cúmplice, os pais apoiam os filhos, se os filhos forem alvo de discriminação têm os pais do seu lado. Portanto, isso é fundamental. Pode melhorar muito a relação, pode ser uma oportunidade para a relação entre pais e filhos e pode ser uma rutura.” (AMPLOS)

3.2. Contextos do *coming out* aos pais e mães

3.2.1. Caracterização sociodemográfica dos jovens *gays* entrevistados

Foram entrevistados 16 jovens do sexo masculino que se identificaram como homossexuais e que já tinham revelado a sua orientação sexual ao seu pai e /ou à sua mãe. O guião de entrevista procurou, como referimos anteriormente, explorar a estrutura familiar dos inquiridos, a relação dos inquiridos com o seu pai e mãe, as circunstâncias e as consequências da revelação. Antes de avançarmos para qualquer empreendimento analítico da informação empiricamente obtida, é imprescindível fazer uma caracterização sociodemográfica da amostra de jovens. A caracterização sociodemográfica (tabela 3.2) encontra-se dividida em quatro variáveis: idade, escolaridade, ocupação/ profissão e local de residência atual.

Em termos etários temos uma amostra de jovens adultos, na medida em que a média de idade dos entrevistados é de 22 anos. A amostra é bastante escolarizada, sendo que a maioria dos entrevistados (12) concluiu ou frequenta o ensino superior. Em termos ocupacionais/profissionais, a maioria dos entrevistados (12) é estudante ou trabalhador estudante. Relativamente ao local de residência, metade dos jovens entrevistados reside na área metropolitana de Lisboa, sendo que a área metropolitana do Porto também se encontra bem representada (cinco).

Quadro 3.2 - Caracterização sociodemográfica dos jovens *gays* entrevistados⁴

Nome	Idade	Escolaridade	Ocupação/profissão	Localidade
Ângelo	30	Ensino superior	Consultor de recursos humanos	Porto
António	23	Ensino secundário	Funcionário de atendimento	Lisboa
Bernardo	23	Frequenta o ensino superior	Estudante	Porto
Diogo	18	Ensino secundário	Estudante	Porto
Duarte	24	Ensino superior	Estudante	Lisboa
Fábio	28	Frequenta o ensino superior	Estudante - trabalhador	Lisboa
Fernando	24	Ensino superior	Desempregado	Bélgica
Filipe	24	Ensino secundário	Desempregado	Lisboa
Guilherme	18	Frequenta o ensino superior	Estudante - trabalhador	Peniche
João	25	Ensino superior	Freelancer	Porto
Jorge	21	Ensino superior	Estudante - trabalhador	Lisboa
Luís	18	Frequenta o ensino superior	Estudante	Porto
Manuel	22	Ensino superior	Estudante-trabalhador	Lisboa
Nuno	25	Ensino superior	Designer	Lisboa
Ricardo	21	Frequenta o ensino superior	Estudante	Peniche
Tiago	21	Ensino secundário	Estudante	Lisboa

3. 2 .2. Estrutura familiar de origem

Sendo que nos referimos ao *coming out* de jovens *gays* aos pais e mães, não podíamos deixar de explorar o contexto e a estrutura familiar de origem dos jovens da nossa amostra. A contextualização da estrutura familiar dos entrevistados permitirá compreender melhor as reações dos pais face à orientação sexual do filho (ver tabela 3.3).

Começamos com uma caracterização social dos pais e mães quanto a habilitação escolar e atividade profissional; de seguida fazemos uma análise que enquadra a dimensão valorativa (de pendor mais conservador ou mais liberal) dos pais e mães perante a questão da orientação sexual, e as representações que os pais e mães têm sobre a masculinidade e a homossexualidade.

O que salta à primeira vista, nesta caracterização social, é o facto de que a maioria dos pais e mães têm um nível de escolaridade inferior ao dos filhos, sendo a maioria dos pais e mães detentora do ensino básico. Este dado ilustra bem a evolução da sociedade portuguesa a esse respeito, com a elevação do nível educativo das sucessivas gerações (Machado *et. al* 2003: 58). No que diz respeito à atividade profissional, encontramos pais e mães que exercem profissões ao nível do operariado, serviços e técnico-administrativo. Em termos de religiosidade, falamos de uma esmagadora maioria de católicos não praticantes. Quanto ao local de residência da família, a maioria reside em Lisboa (seis) e no Porto (quatro). Temos ainda pais e mães de Peniche (Guilherme e Ricardo), de Coimbra (Fábio e António) e de Aveiro (Nuno).

⁴ Os nomes dos jovens entrevistados são fictícios

Quadro 3.3 - Caracterização social dos pais e mães dos jovens *gays* entrevistados

Nome	Escolaridade		Profissão	
	Escolaridade da Mãe	Escolaridade do pai	Profissão da mãe	Profissão do Pai
Ângelo	Ensino secundário	Ensino básico	Esteticista	Eletricista
António	Ensino básico	Ensino básico	Auxiliar de idosos	Combatente da marinha (Reformado)
Bernardo	Ensino básico	Ensino secundário	Metalúrgica	Metalúrgico
Diogo	Ensino superior	Ensino secundário	Professora do ensino básico	Operador de informática
Duarte	Ensino superior	Ensino superior	Funcionária municipal administrativa	Professor universitário
Fábio	Ensino superior	Ensino secundário	Enfermeira	Assistente administrativo
Fernando	Ensino secundário	Ensino secundário	Assistente administrativa	Responsável de vendas
Filipe	Ensino básico	Ensino básico	Secretária	Banqueiro
Guilherme	Ensino básico	Ensino básico	Comerciante	Comerciante
João ⁵	Ensino básico	-	Empregada doméstica	-
Jorge	Ensino básico	Ensino secundário	Doméstica	Chefe de serviços
Luís	Ensino básico	Ensino básico	Empregada doméstica	Operador químico
Manuel	Ensino básico	Ensino básico	Doméstica	Gerente de empresa de transportes
Nuno	Ensino básico	Ensino básico	Desempregada	Operador mecânico
Ricardo	Ensino superior	Ensino básico	Professora	Comerciante
Tiago	Ensino secundário	Ensino secundário	Engomadora	Eletricista

3.2.3. Representações de pais e mães sobre masculinidade e homossexualidade

Importava ter em consideração as representações que os pais e mães pudessem ter acerca da masculinidade e da homossexualidade. Essencialmente pretendeu-se verificar de que modo essas representações condicionaram as reações dos pais e mães face ao *coming out* do seu filho.

No que diz respeito à questão da masculinidade, é de realçar que, segundo o relato dos filhos, a maioria dos pais e mães (10), mas sobretudo os pais, apresenta um esquema de masculinidade tradicional.

“É um bocado aquela ideia geral, o cavalheirismo sendo associado, depois aquela coisa do “ai e tal, um homem não chora”, mais frio, que não demonstra tantos sentimentos.” É a típica visão que qualquer pessoa tem. A minha mãe não vai muito por aí, é mais o meu pai que vai por essa parte dos sentimentos, até porque ele é próprio é mais frio nos sentimentos.” (Manuel, 22 anos)

⁵ Por motivos pessoais o entrevistado não se disponibilizou a falar sobre o seu pai

“A típica mentalidade de alguém que ... uma pessoa da aldeia, basicamente a ideia de um homem que tem uma mulher em casa e essa mulher faz as coisas para o homem. O típico homem machista.”
(António, 23 anos)

Em Guilherme, encontrámos um pai cuja visão sobre a masculinidade se aproxima da masculinidade hegemónica, no sentido da demonstração da força e da valentia.

“O meu pai tentava moldar a minha personalidade para caminhos de rebeldia, nomeadamente ao desporto do skate e a sair à noite com os amigos para beber vodka, que isso é que era fixe. O meu pai ainda queria que eu comesse um frango inteiro, porque quem come um frango inteiro é que tem mais força”. (Guilherme, 18 anos)

Respondendo agora à eventualidade de essas representações terem colidido com os jovens, é de salientar que quase metade dos entrevistados (sete) afirma que as ideias que os pais e mães tinham sobre a masculinidade chocaram efetivamente com a sua personalidade, não se revendo, conseqüentemente, na visão de masculinidade transmitida pelos seus pais e mães.

“Foi só quando entrei na adolescência é que, de facto, comecei a sentir que isso colidia com a minha maneira de ser... porque eu nunca fui machista nem nada dessas coisas, não me sentia confortável com essa situação. Para dizer a verdade muitas vezes concordei com certas coisas que o meu pai dizia de como é que era ser homem... com aqueles preconceitos e tudo só para não arranjar confusão.” (Ângelo, 30 anos)

“Eu pensava “eles têm ideias diferentes das minhas sobre aquilo que eu vou ser” e entrei um bocado em conflito comigo próprio e pensei muitas vezes em mudar. Os tempos foram passando, depois deu-se a revelação e tudo foi mais fácil. Porque até eles começaram a ver as coisas de outra maneira.”
(Luís, 18 anos)

Estes testemunhos também sugerem que os jovens tentam encontrar e encetam estratégias de adaptação que podem passar por ser-se quem não se é ou tentar mudar o que se é, como forma de gerir o estigma vinculado à homossexualidade.

Lancemos, a partir deste momento, o nosso olhar para as representações que os pais e mães tinham especificamente sobre a homossexualidade. Quatro jovens⁶ referem que a homossexualidade não era mencionada no seio familiar. Apenas três⁷ indicam que o pai ou a mãe não têm preconceitos quanto à homossexualidade. Ao mesmo tempo encontramos seis jovens⁸ que consideram que os seus pais e mães tinham representações de teor preconceituoso em relação à homossexualidade, sendo que três deles⁹ referem mesmo que pelo menos um dos seus progenitores via a homossexualidade como uma doença e/ ou uma aberração.

⁶ António, João, Luís e Nuno.

⁷ Bernardo, Duarte e Tiago.

⁸ Ângelo, Diogo, Fábio, Guilherme, Jorge e Manuel.

⁹ Diogo, Guilherme e Jorge.

“O meu pai vê isso como uma doença, algo do foro psicológico, doença mental, que devia ser internado no [Hospital] Júlio de Matos. Que é um atraso da capacidade cognitiva e que era uma coisa muito grave. Para a minha mãe já era um distúrbio sentimental.” (Guilherme, 18 anos)

“Eles viam a homossexualidade como uma doença, como algo contranatura.” (Diogo, 18 anos)

Estes testemunhos refletem a instituição das sexualidades periféricas, referidas por Foucault, as quais são remetidas para um estatuto de perversão e alvo de processos de especificação dos sujeitos que protagonizam essas sexualidades. Ao mesmo tempo ilustram que o sexo é, então, colocado em termos da normalidade e da patologia.

Por fim, temos três jovens, Ricardo, Fernando e Filipe que nos dão conta que os pais e mães podem divergir nas conceções sobre a homossexualidade. Ricardo refere que para a sua mãe o único problema da homossexualidade tem que ver com o contexto social homofóbico, e acha que existe a probabilidade de que o seu pai veja a homossexualidade como uma doença. À semelhança de Ricardo, Fernando indica que a mãe não revela uma visão preconceituosa, ao contrário do pai. No caso de Filipe, o cenário inverte-se, uma vez que o seu pai não manifestava uma visão preconceituosa ao passo que a sua mãe expressava desconforto e receio em relação à homossexualidade.

3.2.4. A relação dos jovens *gays* com os seus pais e mães

Neste cenário de *coming out* aos pais e mães é pertinente averiguar de que forma era a relação que o jovem *gay* estabelecia com o seu pai e a sua mãe em termos de proximidade no período anterior à revelação da sua orientação sexual. Procurámos então perceber se o grau de proximidade com os pais e as mães influenciava as reações que estes tiveram perante o *coming out* do seu filho homossexual. Os resultados mostram que todos os jovens entrevistados afirmam ter *maior proximidade com a mãe do que com o pai*. Adicionalmente, quatro entrevistados (Luís, Guilherme, Manuel e Filipe) descrevem o pai como uma figura rígida e/ou distante.

“O meu pai é uma figura mais rígida, mais.... Sei lá ... de meter mais respeito. Com a minha mãe tenho mais espaço para ser mais liberto enquanto com o meu pai tenho de estar a pensar no que vou dizer, para não entrar em erros que ele não gosta.” (Luís, 18 anos)

“O meu pai é uma figura muito distante, vive muito no campo abstrato, tem uma visão de vida muito própria e espiritual e não é propriamente uma pessoa calorosa, de proximidade, de afeto próximo, é reservado é muito mais introvertido.” (Filipe, 24 anos)

Em certa medida estes resultados espelham o discurso da representante da AMPLOS que vai no sentido de que “temos uma parentalidade em que as mães estão muito mais próximas dos filhos e os pais ainda são figuras bastante ausentes e delegam muito mais nas mães as questões da intimidade e da casa”. Essa tendência poderá, então, explicar o porquê dos jovens

se sentirem mais próximos da mãe, mesmo quando indicam não sentir grande proximidade com nenhum dos progenitores. Os resultados também parecem confirmar que o papel do pai continua, em alguns casos, a não possibilitar tanta abertura como o papel da mãe, o que poderá acontecer precisamente pelos efeitos causados pelas normas da masculinidade hegemónica (Amâncio 2004, *apud* Oliveira *et. al*, 2012: 207).

Pretendíamos ainda indagar se a tomada de consciência da homossexualidade influencia, e de que forma, a relação de proximidade entre os jovens e os seus pais e mães. Os resultados revelam que mais de metade dos entrevistados (10)¹⁰ confirma que a sua orientação sexual afetava o relacionamento com os seus pais e mães, na medida em que os entrevistados ocultavam a sua identidade sexual.

“Era algo que eu tinha sempre de ter cuidado para não dar pistas, para eles não perceberem, ou seja, eu nunca estava à vontade, porque havia sempre o medo de que eles se apercebessem de alguma coisa.” (António, 23 anos)

“Eu acho que afetava no sentido em que eu não podia mostrar quem eu realmente era... para mim não era agradável esconder essa parte de mim, eu acabava sempre por lhes dar uma falsa imagem minha.” (Ângelo, 30 anos)

A questão de ocultar a sua orientação sexual ao seu pai e mãe e de os jovens *gays* entrevistados afirmarem que a sua orientação sexual afeta o relacionamento que estabeleciam com o seu pai e mãe, revela o processo de gestão do estigma associado à homossexualidade.

3.2.5. Idade de consciência e de revelação da homossexualidade

Como referimos na parte teórica deste trabalho, o *coming out* pressupõe sobretudo a revelação de uma identidade, daí que seja útil saber em que altura os próprios entrevistados tomaram consciência e se identificam como homossexuais. Contudo, tínhamos a noção de que a tomada de consciência de uma orientação sexual é tudo menos simples e linear. A nossa intenção não foi a de tentar obter uma idade exata para a tomada de consciência de cada um dos entrevistados, mas sim saber em que fase da vida essa consciência tomou uma forma mais consolidada. Nesse aspeto observamos que a consciência da orientação sexual ocorre muito cedo, sendo que encontramos uma média de 12 anos de idade. A tomada de consciência ocorre muitas vezes, na amostra considerada, na puberdade. Considerando agora a idade em que se dá a revelação aos pais, temos uma média de 17,5 anos, o que significa que a revelação aos pais

¹⁰ Ângelo, António, Diogo, Duarte, Fábio, Filipe, Guilherme, Jorge, Luís e Nuno.

tende a ser realizada no período da adolescência tardia. O período médio de suspensão da revelação aos pais e mães é de cinco anos.

Quadro 3.4 - Idade de consciência e idade de revelação

Nome	Idade de consciência (IC)	Idade aquando da revelação (IR)	Diferença entre IR e IC
Ângelo	16	17	1
António	11	22	11
Bernardo	14	18	4
Diogo	7	12	5
Duarte	15	18	3
Fábio	15	18	3
Fernando	12	23	11
Filipe	11	15	4
Guilherme	11	16	5
João	20	22	2
Jorge	18	20	2
Luís	14	16	2
Manuel	14	15	1
Nuno	12	22	10
Ricardo	14	19	5
Tiago	10	15	5
Média	13	18	5

3.2.6. Circunstâncias do *coming out*

O *coming out* aos pais e mães não é um processo fácil e muito menos linear, as circunstâncias do *coming out* variam de jovem para jovem e de família para família. Podemos admitir que é provável que as circunstâncias do *coming out* possam, de certa forma, influenciar o teor das reações parentais.

Ao falarmos nas circunstâncias do *coming out* aos pais e mães interessou-nos saber se a revelação foi feita em simultâneo e se ocorreu por iniciativa própria do jovem ou suscitada por fatores que lhe são exteriores¹¹. Assim pareceu-nos útil apresentar uma tipologia da circunstância do *coming out* aos pais e mães com base nos factos anteriormente mencionados. De forma geral, a revelação aos pais e mães é tendencialmente feita por iniciativa própria do jovem e os seus pais acolhem a revelação do filho em simultâneo (seis).

¹¹ Por exemplo, se o pai e a mãe encontram o filho numa situação comprometedora e o forçam a fazer o *coming out*.

A tipologia foi dividida entre os jovens que fizeram o *coming out* ao seu pai e mãe (11) e os jovens que apenas fizeram o *coming out* à sua mãe¹² (cinco), não havendo pois, na amostra, nenhum caso em que tenha sido feito apenas ao pai.

Considerando o primeiro grupo identificado observamos que a circunstância de *coming out* que predomina é aquela em que os jovens revelam aos pais a sua orientação sexual ao mesmo tempo e por iniciativa própria (cinco). A circunstância na qual os jovens fazem o *coming out* aos pais e mães em simultâneo por acidente também é expressiva (quatro).

“Contei aos dois ao mesmo tempo, chamei-os à sala e pedi-lhes para me ouvirem um bocadinho. A minha mãe começou logo a stressar, achava que era uma coisa muito grave. E é engraçado porque é nesses momentos que percebes, não sei como é nas outras famílias. Mas eles estavam ali a olhar para a televisão e até foi estranho nesse sentido e eu simplesmente disse: “não sei se vocês já sabem, mas eu sou homossexual”. (Filipe, 24 anos)

“Quando eu cheguei a casa o meu pai fechou-me na sala com a minha mãe e a minha irmã e disse que eu não saía da sala enquanto não explicasse aquelas mensagens (telemóvel). E eu disse que era homossexual e que gostava de rapazes, sempre gostei de rapazes toda a minha vida e a partir daí foi um grande choque e sem saber como lidar com a situação. Ele disse-me que só não me expulsava de casa porque não sabia o que havia de dizer aos vizinhos e ao resto da família.” (Fábio, 28 anos)

Os restantes dois casos, Nuno e Luís, descrevem uma circunstância em que o *coming out* ao pai e à mãe é feito em momentos diferentes. Contudo, o *coming out* de Nuno é feito por iniciativa própria e o de Luís por acidente.

No segundo grupo, essencialmente predomina o *coming out* à mãe por iniciativa própria do jovem (4), sendo que encontramos apenas um caso (António) que aconteceu por acidente.

“Eu decidi contar quando estava cá em Lisboa a estudar. Estive cá uma semana qualquer e um dia acordei e pensei: “Vai ser este fim de semana, vou a Peniche e conto à minha mãe”. Cheguei a Peniche. Falei com a minha mãe, a minha madrinha e com o meu irmão no mesmo dia, mas individualmente. Dois dias depois vim para Lisboa porque achei que era mais fácil para eles lidarem com isso nos primeiros tempos longe de mim. Foi essa a intenção.” (Ricardo, 21 anos)

“Eu decidi contar à minha mãe que era *gay* depois de ter começado a namorar e querer apresentar o meu namorado como meu namorado e não como o tal “amigo”.” (João, 25 anos)

Quadro 3.5 - Circunstâncias do *coming out* aos pais e mães

Nome	Temporalidade		Origem	
	Mesmo tempo	Momentos diferentes	Iniciativa Própria	Acidental
Ângelo	✓		✓	
Bernardo	✓		✓	
Diogo	✓		✓	

¹² António, Guilherme, Fernando, Ricardo e João.

Duarte	✓		✓	
Fábio	✓			✓
Filipe	✓		✓	
Jorge	✓			✓
Luís		✓		✓
Manuel	✓			✓
Nuno		✓	✓	
Tiago	✓		✓	

Aparentemente as circunstâncias da revelação da homossexualidade aos pais e mães parecem estar pouco relacionadas com a habilitação escolar e atividade profissional dos pais e mães e a relação que os jovens têm com estes. Outro aspeto a ser destacado é o de que os jovens que revelam a sua homossexualidade deliberadamente fazem-no, como veremos no próximo ponto, com a intenção de romper com uma falsa imagem e atingir a autenticidade para com o seu pai e mãe.

3.2.7. A importância de revelar a homossexualidade aos pais e mães

Como vimos no capítulo 1.3, estudos anteriores demonstram que os benefícios da revelação da homossexualidade se traduzem no bem-estar psicológico, no aumento da autoestima e na redução do *stress* mental, diminuição de comportamentos de risco e aceitação de relacionamentos interpessoais, enquanto os seus custos podem incluir represálias físicas, o evitamento e a repressão social (Corrigan e Matthews in Poeschl, Venâncio e Costa, 2012: 38).

Assim, tivemos interesse em averiguar a importância que o *coming out* à mãe e/ ou pai à teve para os jovens *gays* da nossa amostra e se os benefícios e os custos desse *coming out* vão ao encontro desses resultados. Para os 16 jovens entrevistados a revelação da sua orientação sexual à sua mãe e/ou ao seu pai trouxe-lhes, essencialmente o sentimento de *autenticidade* para consigo próprios e para com o seu pai e sua mãe e um *sentimento de libertação*.

“Ter revelado que eu era *gay* aos meus pais foi muito importante para o meu crescimento pessoal. Senti-me mais corajoso e ganhei um grande respeito e admiração pelos meus pais que conseguiram aceitar e respeitar a sexualidade do filho deles. Deu um grande espaço para a sinceridade para com os meus pais. Eu, no fundo, consegui libertar-me de uma farsa que em tempos me vi forçado a fazer para os meus pais.” (Ângelo, 30 anos)

“Antes tinha sempre algum receio em falar com o meu pai, porque não queria que ele descobrisse ou desconfiasse. Agora consigo estar com ele e falar com ele sem me preocupar a posição das mãos. E eu lembro-me que na altura até isso me preocupava, eu tinha medo que ele visse algum sinal em mim e que descobrisse. Eu sinto-me confortável, sinto-me à vontade em dizer à minha mãe que vou fazer os projetos de educação [da rede ex aequo] e já convidei a minha mãe a ir e isso tudo. Acho que ganhei uma proximidade a 100%.” (Fábio, 28 anos).

“Acho que isso foi muito importante, até para eu ser natural, para eu puder ser eu sem medos nenhuns, não é? Acho que a minha revelação foi uma maneira muito boa para eu começar a mostrar às pessoas, que realmente me amam, a minha verdadeira pessoa. Antes da minha revelação eu era

“preso”, as minhas atitudes eram muito mais contraídas, não era genuíno. Acabei por me tornar numa pessoa diferente, porque sinto-me à vontade para ser quem sou e acho que isso beneficiou a relação que tenho com os meus pais. (Luís 18 anos)

Estes resultados demonstram que os benefícios do *coming out* bem-sucedido assumem um fator de bem-estar pessoal e familiar dos jovens *gays* da nossa amostra, revelando a importância da mãe e do pai, e da sua aceitação, na componente da sexualidade, na vida dos jovens.

Numa outra leitura, os testemunhos dos jovens dão conta do fim da representação de uma personagem na medida em que a revelação abre portas à autenticidade e à “verdadeira pessoa” que se é. Após a revelação, a gestão do estigma associado à homossexualidade em relação aos pais e mães tende, como podemos constatar através destes testemunhos, a ser consideravelmente atenuada ou até mesmo inexistente. Como na nossa amostra não encontramos nenhum caso de rutura de relacionamento entre o jovem e o pai e a mãe, não nos é possível avaliar os efeitos que esse desfecho de *coming out* aos pais e mães poderá ter nos jovens.

Duarte tem experiência vivida da desigualdade entre homossexuais e heterossexuais relativamente à vivência, revelação e aceitação da sexualidade.

“Sinto mais à vontade para fazer a minha vida, sem ter de esconder nada a ninguém. É injusto eu ter de me assumir e as pessoas heterossexuais não terem. É injusto ter de passar por esse momento de coragem. Mas é bom porque tiras um peso de cima e agora é viver a minha vida e eles já estão prevenidos para o que pode vir. Não serão apanhados de surpresa.” (Duarte, 24 anos).

Quer isto dizer que os jovens *gays* ao contrário dos jovens heterossexuais enfrentam um momento de coragem. O facto de um jovem heterossexual não ter de enfrentar esse momento é explicado pela heteronormatividade que vigora na sociedade em geral. Assumindo que a heterossexualidade é o expectável, uma pessoa heterossexual não se vê na situação de revelar, já que a heterossexualidade não é alvo de repressão social. O *coming out* é então a prova da desigualdade existente entre *gays* e heterossexuais. A revelação de uma determinada orientação sexual é justificada em função da repressão e do proibicionismo de que ela é alvo.

3. 3. Consequências do *coming out* aos pais e mães

3.3.1. Reações dos pais e mães ao *coming out* do seu filho

As consequências imediatas da revelação de uma orientação sexual não-normativa são sempre as reações por parte das pessoas que a acolhem. Por essa razão é imprescindível elencar as reações que os pais e mães manifestaram face ao *coming out* do seu filho uma vez que as

famílias tipicamente reagem mal no início, existindo muitas vezes reações de rejeição emocional, violência verbal ou física e mesmo expulsão de casa (Frazão e Rosário: 35).

As reações dos pais e das mães foram analisadas através da divisão dos jovens em dois grupos. O primeiro é composto pelos 11 jovens que fizeram o *coming out* ao pai e à mãe; o segundo grupo é composto pelos cinco jovens que apenas fizeram o *coming out* à sua mãe.

No primeiro grupo apenas quatro jovens (Bernardo, Duarte, Nuno e Tiago) indicaram que as reações dos pais e mães face ao *coming out* foram positivas. A idade média destes jovens é de 18 anos.

“A minha mãe ficou um bocado “a sério?”, ficou espantada. Ela não estava à espera pois eu contei quase a matar. Eu acho que os meus pais nunca se aperceberam de nada e foi um bocadinho de choque para eles. O meu pai também teve o mesmo tipo de reação, embora o meu pai tenha reagido de forma descontrainda. Ele disse que fiz bem em contar-lhe pois ele não queria saber por outras pessoas e que, aí sim, ficaria chateado e, pronto, foi assim. Os dois aceitaram bem a coisa.” (Nuno, 23 anos)

“A reação deles foi que não era preciso eu lhes contar. “Nós somos teus pais e notámos que tens um jeito especial”, sei lá como eles disseram. Ficamos contentes por saber da tua boca e temos a confirmação. É diferente ter a confirmação vindo de ti do que viver numa incerteza.” (Bernardo, 22 anos)

Ainda neste grupo identificámos cinco jovens (Ângelo, Diogo, Fábio, Luís e Manuel) que indicaram que o seu pai e a sua mãe tiveram reações negativas face ao seu *coming out*. A idade média destes jovens é de 15,6 anos. Este dado demonstra que nem sempre a revelação em tenra idade é promotora de uma boa aceitação por parte do pai e da mãe.

“Ele disse-me que só não me expulsava de casa porque não sabia o que havia de dizer aos vizinhos e ao resto da família. A minha mãe chorava, a minha irmã deixou de falar comigo durante algum tempo e a minha mãe também não queria falar.” (Fábio, 28 anos)

“Houve o momento em que isso foi falado e houve o choque inicial, (...) na altura parecia tudo muito tranquilo e as típicas perguntas “como é que isso acontece, porque é que acontece, tens de explicar melhor”. (...) depois houve a fase de pós-choque e começou a haver os típicos dramas das mães, em que já havia choro e frases que não deviam ter sido ditas. (...) O meu pai teve mais aquela reação de ficar calado durante os primeiros tempos e quando estávamos sozinhos, de vez em quando ele dizia, “eu preciso de compreender, tens de me explicar como é que é isso, o que é que sentes” e um bocado na onda de perceber, apesar de não aceitar e ia tentando compreender à maneira dele.” (Manuel, 22 anos)

Os restantes dois jovens, Filipe e Jorge, indicaram que o pai e a mãe manifestaram reações diferentes. No caso de Filipe a mãe reagiu mal e mostrou-se muito efusiva quanto às suas emoções, enquanto o pai assumiu uma postura de neutralidade. Já no caso do Jorge a mãe reage mal à revelação, ao passo que o pai reagiu melhor do que a mãe. Em ambos os casos a mãe demonstra ser mais efusiva que os pais. Em particular, a mãe de Jorge manifesta uma representação patológica em relação à homossexualidade ao reagir à revelação do seu filho.

“A minha mãe começou logo a dizer que eu tinha problemas mentais e que precisava de ser curado, que eu era doente e não me falou durante uma semana. O meu pai já tinha sido seguido por psicólogos, a única coisa que fez foi: deu-me um abraço e disse que não podia mudar quem eu era e para eu continuar a ser seguido pela psicóloga.” (Jorge, 21 anos)

“A minha mãe começou logo a stressar, achava que era uma coisa muito grave. O meu pai, no fundo, não teve nenhuma reação. Aquilo foi uma não reação. Nunca passei muito tempo a falar sobre isso com o meu pai.” (Filipe, 24 anos)

No grupo de jovens que apenas fizeram o *coming out* à sua mãe, as reações desta dividiram-se entre as boas (Fernando e João), e as más (António, Guilherme e Ricardo).

Embora os jovens que compõem este grupo tenham apenas revelado a sua orientação sexual diretamente à mãe, Fernando e António indicaram que os respetivos pais souberam da sua orientação sexual através da mãe. Por outro lado, esses pais remeteram-se ao silêncio face à homossexualidade do filho. Por contraste, Guilherme indica que o seu pai não reagiria bem a um possível *coming out*:

“O meu pai continua a pessoa que era e ainda exige a postura de uma pessoa hétero. E não admite, se eu um dia me assumir, terei de sair de casa e nunca mais falar com ele” (Guilherme, 18 anos).

“A minha mãe aceitou na boa. Chorou, emocionou-se e tal, aquela coisa habitual, mas contente. Ela deu-me bastante apoio. Na verdade, eu não contei ao meu pai. Foi a minha mãe que contou. Depois, desde aí ele nunca mais tocou no assunto. Ele perguntou à minha mãe se eu tinha a certeza, se era mesmo, como é que era possível e depois fez-me umas perguntas, mas não foi mais nada.” (Fernando, 24 anos)

“Ela aparentemente estava muito forte, muito racional e lúcida a lidar com esta questão, como se fosse muito artificial e muito prática. Mas isso era só uma capa. A minha mãe ficou muito abalada, sofreu meses com isso.” (Ricardo, 21 anos)

Da análise dos relatos dos filhos relativamente à reação dos seus pais e mães ressaltamos que é nas áreas mais urbanizadas (Lisboa e Porto) que surgiram as reações mais positivas. Outro dado importante é o de que as mães, de acordo com os jovens, mostraram-se mais emotivas do que os pais. Estes últimos, por sua vez, tendem a ignorar o assunto e a serem menos efusivos quanto às emoções. O choque é uma reação regular entre os pais e mães, mesmo quando já havia suspeitas quanto à orientação sexual do filho. Por outro lado, também constatámos que, na nossa amostra, as mães e/ou pais reagiram melhor à revelação do filho homossexual quanto esta foi realizada mais tarde, o que poderá ter que ver com o facto de nessa altura os seus filhos já estarem numa situação de maior autonomia e independência.

Se analisarmos as reações dos pais e mães em função do seu nível de escolaridade verificámos que os pais e mães que detêm o ensino básico tendem a reagir mal ao *coming out* do filho. Os pais e as mães que detêm o ensino secundário, por seu turno, tendem a reagir melhor. Por outro lado, as mães com o ensino superior tendem a reagir mal ao *coming out* do

filho. Os resultados obtidos através da amostra de jovens entrevistados não permitem concluir, como talvez pudéssemos esperar, que haja uma relação entre as reações (independentemente de serem positivas ou negativas) dos pais e mães e as suas habilitações escolares e atividades profissionais. Assim, as reações parentais parecem estar dependentes das representações que os pais e mães têm sobre a masculinidade e homossexualidade. É difícil, até mesmo para os jovens, determinar qual dos pais reage melhor à revelação da homossexualidade, o que terá que ver, por exemplo, com a complexidade de determinar o sentido dos silêncios e da aparente indiferença que são mais comuns entre os pais. O que os dados ressaltam é que as mães expressam de forma mais concreta e direta as suas reações, ao passo que os pais tendem a ser mais recatados nas suas reações. Um outro aspeto a ser realçado é o de que quando a revelação é feita aos pais e mães numa circunstância acidental as reações parentais nunca são positivas, ao passo que quando a revelação é feita por iniciativa própria do jovem, as reações parentais variam entre reações positivas e reações negativas.

3. 3.2. A quebra das expectativas

Procurámos entender junto dos jovens entrevistados se a revelação da sua orientação sexual aos seus pais e mães tinha afetado as expectativas que estes tinham formulado para o seu futuro, uma vez que os sentimentos de perda em relação à idealização de um futuro heterossexual para o filho, que passa pelo casamento e pela parentalidade, são frequentes (Frazão e Rosário, 2008: 35).

A maioria dos inquiridos (12)¹³ afirma que a revelação da sua orientação sexual afetou as expectativas que os seus pais e mães tinham formulado para o seu futuro. Em maior pormenor, a maioria desse grupo de entrevistados (10)¹⁴ enfatiza a descendência como a expectativa mais afetada.

“Eles tinham aquela utopia que os pais têm “ele vai crescer, vai ter um emprego onde vai ser bem-sucedido e vai casar com uma rapariga, vai dar-me dois netinhos e, pronto, estamos felizes e somos a família perfeita”. Obviamente que a partir da revelação essa imagem começou a desmoronar um bocado.” (Manuel, 22 anos)

“Tudo aquilo que já tinham construído em relação ao que seria o meu futuro foi alterado com a minha “saída do armário”, eles tiveram uma desilusão e levaram o seu próprio tempo para aceitar como eu realmente era... foi um processo bastante doloroso de desilusão até à aceitação desta nova realidade. Lá está, quando eu me assumi aos meus pais, eles perceberam que os meus planos pessoais não iam passar por constituir família ou ter descendência, ou seja, eu muito dificilmente entraria nesse caminho que eles tinham projetado para mim.” (Ângelo, 30 anos)

¹³ Ângelo, António, Bernardo, Diogo, Duarte, Fábio, Filipe, João, Luís, Manuel, Nuno, Ricardo,

¹⁴ Ângelo, Bernardo, Duarte, Fábio, Filipe, João, Luís, Manuel, Nuno e Ricardo

Como é possível observar, a quebra das expectativas surge, sem grande surpresa, intimamente ligada à questão da heteronormatividade.

O desejo de ter netos é exclusivamente referido em relação às mães. O facto de a continuidade da descendência ser apontada pelas mães dos jovens *gays* revela o período moderno da família enquanto instituição que se encontra concentrada e orientada na criança e nos afetos.

“É assim, o meu irmão mais velho acabou por ter uma filha e aquela coisa de “queremos netos” e nem sei quê. Eles ficaram muito felizes por ter uma neta.” (Filipe, 24 anos).

“A minha mãe tinha aquela ideia que ia ter netos e de repente ao pactuar com o facto de eu ser homossexual vai quebrar aquela ideia e da minha parte não vai haver. Quer dizer, não vai haver filhos diretos, eu posso adotar. Foi uma das coisas que disse logo à minha mãe.” (Luís, 18 anos)

Sobre a questão dos afetos e da descendência, o estudo de Vanessa Cunha (2006) aponta que a grande maioria das cem mulheres portuguesas inquiridas no estudo que realizou considera que os filhos são uma fonte de alegria (99,8%), conjugado com a ideia de que os filhos constituem uma alegria para os outros familiares, como tios e avós (92,3%). Por outro lado, o aspeto da linhagem, ou seja, de dar continuidade à família também é expressivo (87%). Estes são dados que nos permitem compreender o “desgosto” com a impossibilidade de não vir a ter netos de filhos homossexuais, que parece continuar a ser entendida como factual e uma fatalidade.

Quanto a este aspeto, podemos colocar a hipótese de que a expectativa da concretização da condição de avós não venha futuramente a ser tão afetada em virtude da recente aprovação da lei da adoção e da familiaridade e visibilidade da parentalidade *gay*.

3. 3. 3. A imagem do filho e o *coming out* aos pais e mães

A hipótese de que a revelação da homossexualidade tenha afetado a imagem que os pais e mães tinham dos seus filhos encontra grande expressividade entre os entrevistados, sendo explicitamente referida por seis dos jovens da amostra¹⁵, estando em grande parte relacionada com a questão da descendência.

“Sim, eles viram isso como um problema. Que não iam ter netos e que eu era, naquele momento, uma pessoa diferente pelo facto de eles terem descoberto que eu era homossexual” (Fábio, 28 anos)

“Sim, óbvio. Acho que nenhum pai, quando o filho nasce, vira-se entre eles e diz: “ele vai ser *gay*, não vamos ter netos”. Acho que ninguém diz isso.” (Jorge, 21)

¹⁵ Ângelo, Diogo, Fábio, Jorge, Manuel, Ricardo

Esta afetação é claramente uma manifestação do estigma social ainda associado à homossexualidade. Neste caso concreto, a imagem do filho pode surgir denegrada e descredibilizada aos olhos dos pais.

É de admitir que as questões da masculinidade também entram em jogo na forma como é percebida a orientação sexual do filho, e até mesmo na questão de afetar a imagem do jovem perante os seus pais. De facto, na nossa amostra sete¹⁶ jovens dão o testemunho de que as ideias de masculinidade dos pais e das mães afetaram a forma como estes acolheram a revelação da homossexualidade do seu filho.

“Sim, claro que sim... se reparares a forma típica do homem português nunca é igual à do homossexual e os meus pais pensavam que um homem *gay* tinha de ser quase uma princesa que veste cor de rosa... Naquela altura foi como se eles vissem uma pessoa que eu na verdade não era... eu acho que lhes fazia confusão. Por isso, eu acho que imagem de homem que eles tinham influenciou a forma como eles reagiram quando lhe contei.” (Ângelo, 30 anos)

“Evidentemente que sim, acho que uma coisa leva a outra. Se eles não aceitaram, é porque acham que não era uma coisa boa... não sei..., mas acho que afetou.” (Daniel, 18 anos)

As ideias da masculinidade parecem, segundo os relatos dos jovens, ter afetado a forma como os pais e as mães acolheram o *coming out* do seu filho, devido à existência de uma masculinidade hegemónica que encontra na heterossexualidade a base da sua fundação e que estigmatiza as masculinidades não heterossexuais. O *coming out* pode ser o início ou a confirmação da consciencialização de pais e mães de que o seu filho não se enquadra nos modelos de masculinidade e sexualidade tradicionalmente prescritos pela sociedade, que estão em conformidade com as lógicas da dominação masculina.

3. 3. 4. Implicação da revelação na relação futura entre pai, mãe e filho

Uma vez contempladas as reações iniciais dos pais e das mães perante o acolhimento do *coming out* do seu filho, vejamos agora as implicações que a revelação teve para a relação entre o jovem e a sua mãe e/ou pai.

Os resultados obtidos mostram que a maioria dos entrevistados (13) acha que a relação com o pai e a mãe mudou para melhor, mesmo nos casos em que a reação inicial não foi positiva. As mudanças relacionais com os pais e mãe manifestam-se na maior proximidade, maior intimidade, transparência e autenticidade.

“Talvez se calhar mudou um bocado a confiança, pela positiva. Eu até com o meu pai tenho mais confiança e com a minha mãe ainda mais do que já tinha. Portanto, eu acho que as mudanças foram positivas e nenhuma negativa.” (Luís, 18 anos)

¹⁶ António, Ângelo, Diogo, Fábio, Luís, Manuel, Francisco,

“Senti-me mais à vontade para contar tudo, embora eu não tenha relação de proximidade em contar coisas aos meus pais porque eles não retribuem. Tenho de ser sempre eu a puxar por eles. Mas não tinha de esconder que ia a certos sítios, o que eu estava a ver, a minha ideologia, as coisas que eu achava que deviam melhorar a nível de direitos, o que eu queria para mim. Não ter medo de dizer que um dia gostava de adotar e coisas desse género, poder comentar se acho que um homem é bonito. São coisas simples, mas às vezes é ridículo, se as outras pessoas podem fazer porque é que eu não posso? E tu só por sentires que não o podes fazer sentes-te menos por isso. Essa é que é a verdade, eu senti isso.” (Filipe, 24 anos)

Nos restantes três casos (António, Jorge e Duarte), os entrevistados acham que a relação com o seu pai e mãe não sofreu qualquer alteração.

“Acho que não mudou nada. Não noto diferença nenhuma. Devia ter mudado, mas o assunto ainda é um tabu.” (António, 23 anos)

“Eles continuaram e continuam a fazer um teatro como se nada tivesse acontecido. Mas, sinceramente, acho que mudou mais em mim no sentido de como me sinto quando estou com eles do que realmente nas nossas relações.” (Jorge, 21 anos)

De uma maneira geral, podemos afirmar que os laços sociais entre o filho, o seu pai e a sua mãe, tendem a sair mais fortalecidos em virtude do ambiente de autenticidade que passa a existir entre o filho e os seus pais e suas mães no que se refere a um aspeto da vivência íntima do filho: a sua sexualidade. E simultaneamente não verificámos que tivesse havido casos de rutura de relacionamento entre o filho, o seu pai e a sua mãe.

Relativamente à possibilidade de a imagem que os pais e mães tinham sobre a homossexualidade ter mudado encontramos uma divisão na medida em que sete¹⁷ dos entrevistados acham que a imagem que os pais e mães têm da homossexualidade, independentemente de ela ser positiva, neutra ou negativa, não se alterou; os restantes sete¹⁸ afirmam que a imagem que os pais tinham sobre a homossexualidade mudou para melhor.

Duarte, por exemplo, relata que a imagem que os seus pais têm relativamente à homossexualidade não mudou, no entanto, a luta pela igualdade de direitos das pessoas LGBT passou a ser vista de forma mais positiva.

“Eu não acho que tenha ficado mais positiva, mas acho que tenham a ideia mais positiva sobre a forma como se conquistam direitos, sobretudo de igualdade. Os meus pais não viam interesse nenhum em ir a uma marcha LGBT, nenhuma razão para que existissem bares *gays* nem nada e acho que hoje em dia percebem que o orgulho e a questão do orgulho são uma forma de afirmação e de resistência à vergonha que se impõe.” (Duarte, 24 anos)

Estes resultados parecem sugerir que os pais e mães que têm filhos homossexuais tendem a alterar positivamente a representação que tem em relação à homossexualidade, nomeadamente

¹⁷ Ângelo, Diogo, Duarte, Francisco, Luís, Manuel e Nuno

¹⁸ António, Bernardo, Duarte, João, Fernando, Ricardo e Tiago

através de um processo de desconstrução da conceção estereotipada do que é “ser homossexual”.

“Já não é à base daquele estereótipo, que para seres *gay* tens de ser super efeminado, cor-de-rosa, coisas fofas e queridas e falar como se fosses uma tia de Cascais. Perderam um bocado essa visão linear, mas em algumas coisas que passam na televisão eles perguntam, “também vais ser assim?”. Acaba por não ter desaparecido na totalidade, mas mudou bastante a ideia que eles tinham.” (Manuel, 22 anos)

“Hoje em dia eles têm uma visão muito mais abrangente do que é ser homossexual, eles já não estão muito presos aos estereótipos, percebes? Eles agora têm um maior respeito e uma total aceitação de todos, independentemente da sua orientação sexual.” (Ângelo, 30 anos)

3.4. Receios dos jovens e dos pais e mães

O *coming out* aos pais e mães não é feito de ânimo leve, pois existem receios por parte dos jovens. Porém, *o coming out*, como veremos, também acarreta receios para os próprios pais e mães. Por parte dos jovens é de prever que o sofrimento decorrente da incompreensão familiar seja particularmente temido e que a revelação possa resultar na estigmatização por parte daqueles em quem mais se confia (Brandão, 2010: 5).

Por outro lado, é interessante identificar os receios que os pais e as mães sentem em relação a uma sexualidade não-heteronormativa e socialmente estigmatizada.

De uma maneira geral, os receios identificados pelos entrevistados estão relacionados com uma eventual rejeição por parte do seu pai e da sua mãe e a possibilidade de serem expulsos de casa.

“Tinha medo de desiludir e de ser rejeitado. Depois de uma revelação há sempre pessoas que te apoiam mas também há pessoas que não gostam nada e eu tinha medo de ser rejeitado por algumas pessoas que eu mais gostava. Eu acho que sermos rejeitados pelas pessoas que gostamos é um dos nossos piores medos.” (Luís, 18 anos)

“Sinceramente, eu tinha receio de dois cenários: um era ser corrido de casa ou eu próprio saía de casa porque não ia conseguir sentir-me à vontade dentro da minha própria casa, não ia conseguir um clima em que podia estar a viver, ou então ia haver aquele período de afastamento e as coisas iam ficar um bocado diferentes, mas conseguiu-se dar a volta e não aconteceu nenhum desses dois cenários.” (Manuel, 22 anos)

Os pais e as mães, de acordo com os relatos dos jovens, também demonstram receios relativamente à orientação sexual do seu filho. Encontrámos receios que estão relacionados com representações preconceituosas que se têm em relação à homossexualidade. Esses preconceitos encontram-se associados à promiscuidade, com o risco de contração de sida/HIV e consumo de drogas.

“Aquele preconceito da promiscuidade, o sexo e as drogas. Uma vida insegura e violência. Ela manifestou isso algumas vezes.” (Filipe, 24 anos)

“Eles também associam a homossexualidade ao vírus da sida, (...) eles associam a homossexualidade à droga, eles tinham medo que ao conhecer pessoas do mundo *gay* eu mudasse a minha maneira de ser e entrasse por outros hábitos.” (Luís, 18 anos)

Também encontramos receio dos pais e mães em relação à opinião das outras pessoas como aconteceu no caso de Fábio e Manuel.

“Especialmente a minha mãe, era “o que é as pessoas vão dizer, o que é que a família vai pensar”, porque ela só pensava “a tua avó agora, quando souber disto, vai lhe dar-lhe o fanico, vai ter um ataque qualquer, não vai conseguir compreender isto, nem sequer lhe digas, tenta que ninguém saiba isto”.” (Manuel, 22 anos)

“Para eles, isso era um problema. O facto de eu ser homossexual era um problema e eles queriam esconder esse problema. Não queriam que ninguém soubesse.” (Fábio, 28 anos)

Ao mesmo tempo encontramos pais e mães cujos receios se prendem com a discriminação por parte da sociedade e a estigmatização que muito *gays* enfrentam na sua vida quotidiana. Particularmente a questão da proteção dos filhos e a preservação do seu bem-estar remete-nos, mais uma vez, para a questão da primazia dos afetos no seio da família moderna, e espelham as valências dos laços sociais de filiação.

“Eles tinham medo era da sociedade, que naquela altura era muito mais conservadora do que agora. Hoje em dia, a meu ver, é muito mais fácil falar sobre estas coisas, há uns anos atrás não era assim. Eles queriam era compreender o que isto era realmente, e saber como é que eu me poderia defender da discriminação homofóbica.” (Ângelo, 30 anos)

“Ela [a mãe] receava a sociedade. Ela realmente não quer saber, só quer paz e amor. É mesmo pelo facto de as pessoas não serem tolerantes e é medo que eu sofra a partir daí.” (Ricardo, 21 anos)

Estes resultados estão em concordância com o contributo fornecido pelo representante da ILGA, que sugere que, por vezes, o problema dos pais e mães não é a orientação sexual do filho, mas sim a forma como poderão proteger mais os seus filhos de uma sociedade que ainda discrimina pessoas em função da sua orientação sexual.

3. 5. O lugar dos irmãos

Tentámos compreender qual o papel dos irmãos e irmãs no *coming out* dos jovens *gays* aos seus pais e mães, uma vez que encontramos literatura que indicava que a fratria possibilita a discussão aberta sobre as questões da orientação sexual e pode funcionar como uma forte rede de apoio às pessoas LGBT (Oliveira *et.al*, 2012: 207). Na nossa amostra 14 dos jovens entrevistados indicaram ter pelo menos um irmão ou irmã.¹⁹

¹⁹ António, Duarte e Guilherme indicaram que os seus irmãos desconhecem a sua orientação sexual.

Quadro 3.6 - Número e género dos/as irmãos/ãs dos jovens

Nome	Nº de irmãos	género	
		Masculino	Feminino
Ângelo	2	2	0
António	1	1	0
Diogo	1	1	0
Duarte	1	1	0
Fábio	1	0	1
Fernando	1	1	0
Filipe	1	1	0
Guilherme	1	1	0
João	1	0	1
Luís	1	1	0
Manuel	1	1	0
Nuno	2	1	1
Ricardo	1	1	0
Tiago	2	1	1

Ao analisarmos o papel dos irmãos/irmãs termos somente em linha de conta o caso dos jovens que indicaram que os seus irmãos têm conhecimento da sua orientação sexual. Mas os três casos em que os seus três irmãos (todos do sexo masculino) desconhecem um aspeto tão relevante da sua vida, como é o da orientação sexual, também merece análise, parecendo relacionar-se com a diferença de idades.

“Eu desconfio que ele saiba e mesmo hoje nunca lhe contei. Mas eu sempre desconfiei, apesar de não ter essa confirmação. Na altura em que isso aconteceu ele já não vivia connosco. Ele já tinha saído de casa há uns 3 anos.” (António, 23 anos)

“Ele só tem 9 anos. Não acho que seja o momento. O meu irmão até está a ter comportamentos preconceituosos. O meu pai diz: os *gays* são bichas e ele tem a ideia que o meu pai tem.” (Guilherme, 18 anos)

No que diz respeito às reações dos irmãos face à orientação sexual do jovem, verificámos que as reações dos irmãos tendem a ser positivas (situação indicada por oito dos jovens que têm pelo menos um/a irmão/irmã). Em alguns casos, como o de Ângelo, constituem verdadeiros aliados.

“O meu irmão apoiou-me bastante. Eu e ele conversamos sobre o facto de eu ser *gay* e nessa conversa ele disse que eu seria sempre o irmão dele e que eu podia contar sempre com ele para o que que fosse. Nesse aspeto eu acho que o apoio do meu irmão foi fundamental e ajudou a que os meus pais assimilassem mais rápida e facilmente a minha sexualidade.” (Ângelo, 30 anos)

“Ele aceitou muito bem e até a minha mãe perguntou se ele percebeu o que tinha acontecido e a minha mãe contou-me que ele lhe tinha dito “Ó mãe, não é pelo Luís gostar de rapazes que eu vou deixar de gostar dele.” (Luís, 18 anos)

Por contraste, encontraram-se irmãos que reagiram menos bem à revelação da homossexualidade do jovem, como se pode verifica através dos casos de Fábio, João e Ricardo. No caso de Fábio e João, as irmãs revelam desconfiança prévia em relação à orientação sexual

do jovem em causa antes de o *coming out* acontecer. A irmã de Fábio sentiu-se traída pelo facto do irmão nunca lhe ter revelado a sua orientação sexual, enquanto a irmã de João mostrou-se confusa com a revelação.

“Ela ficou confusa com aquela situação, mesmo que ela suspeitasse eu acho que ela não estava à espera daquela revelação. Ela ficou uns dias sem falar comigo, mas depois conversámos melhor e, a partir daí, a coisa melhorou.” (João, 25 anos)

“Ele já tinha pensado nessa hipótese. Ficou um bocado chateado e não gostou da ideia. Não é tanto por ele, é pela reação da minha família. Eles são muito conservadores. O meu irmão ficou muito preocupado com essa questão e ele acha que eles nunca poderão saber. É uma questão que poderá colocar em causa a nossa relação familiar. Ele não me dá apoio nenhum. Nós conversámos e ambos sabemos que ele não me vai apoiar em nada disto.” (Ricardo, 22 anos)

Estes resultados mostram que, apesar de não se poder generalizável, os irmãos tendem a constituir uma base de apoio para os jovens *gays* que fazem o *coming out* aos seus pais e mães, tendo em conta que as reações da maioria dos irmãos são positivas. É também possível que os irmãos/ irmãs possam ajudar os pais e as mães a aceitar mais facilmente o *coming out* do filho, desempenhado assim um papel mediador entre os pais e mães e o jovem.

“Ele, ao início, simplesmente não falou sobre o assunto, não comentou. Foi apenas ok, absorveu tudo o que se estava a passar, tirou tempo para ele. Depois, acaba por ser ele o intermediário entre mim e os meus pais. Ele conseguia ter uma visão diferente, ele é de outra geração, já conseguíamos falar sem começar a discutir, sem ofender, sem dizer as coisas erradas.” (Manuel, 22 anos)

3. 6. Frequência de espaços de sociabilidade LGBT

Os espaços de sociabilidade LGBT constituem um ponto de ligação entre os jovens *gays* e a comunidade LGBT. Dessa forma julgámos ser interessante avaliar o papel que as associações LGBT podiam ter no *coming out* dos jovens aos pais e às mães. A ideia central era a de procurar perceber se essas associações teriam constituído uma base de apoio para a revelação. A par das associações procurámos também explorar se outros espaços de sociabilidade LGBT, como bares e discotecas, poderiam ter contribuído para a estruturação da identidade sexual dos jovens *gays* inquiridos.

Os resultados obtidos mostram que a grande maioria dos entrevistados (12) indica que nunca frequentou nenhuma associação LGBT até ao momento em que o estudo foi realizado.

Os quatro entrevistados²⁰ que já frequentavam essas associações²¹ antes de revelar a sua orientação sexual ao pai e à mãe indicaram não ter recebido indicações ou intervenção direta

²⁰ António, Fábio, Francisco e Jorge.

²¹ As associações mencionadas pelos jovens são a rede ex aequo e ILGA.

por parte daquelas associações, isto porque, aparentemente, não faz parte da ação das associações LGBT incentivarem o jovem para a revelação da sua orientação sexual aos pais e mães.

“Sim, [participava] no grupo local de Coimbra da rede ex aequo. Não [teve muita influência no *coming out*]. Eles são como eu e viviam exatamente o mesmo paradigma que eu e muitos ainda não tinham contado aos pais e sobre este assunto tem de ser cada um fazê-lo. Não houve muita influência.” (Fábio, 28 anos)

“Nas reuniões (rede ex aequo) apoiavam e isso mas num ambiente muito estrito. Não foi ajudar de irem a casa, nem nada disso.” (Jorge, 21 anos)

Por outro lado, os jovens que nunca frequentaram nenhuma associação LGBT indicam que nunca tiveram curiosidade ou sentiram necessidade de contactar essas estruturas. Na conceção destes entrevistados, as associações funcionam na lógica de “urgência” ou de apoio direto na presença de uma necessidade concreta. Não existe a conceção das associações como promotoras da constituição de comunidade ou como plataforma de reivindicação de direitos.

“A ideia que eu tenho das associações LGBT é para ajudar um bocado mais na aceitação, um bocado como devemos agir para evitar reações extremas.” (Manuel, 22 anos)

“Nunca achei necessidade de andar lá. Conheço a rede ex aequo. Conheço várias, mas nunca tive necessidade.” (Tiago, 21 anos)

Aliás, encontramos até críticas ao modo de atuação e de visibilização pública do movimento associativo LGBT, como é o caso da Marcha do Orgulho anual.

“A questão é que temos ideia das associações LGBT por via dos desfiles. Realmente é falta de informação minha. Mas acho que há muito mais do que gajos a dançar em tronco nu em cima duma carrinha e com bandeiras de sete cores. E se a ideia é lutar pelos nossos direitos e sensibilizar as pessoas acho que isso está a fazer o oposto. Isto é um assunto sério porque nós somos pessoas e há momentos para tudo. Se as pessoas são conservadoras, que não aceitam e que são intolerantes. Temos de ver o público de que estamos a falar, o contexto social de que estamos a falar e como estamos a agir.” (Ricardo, 21 anos)

Vemos assim reproduzido o discurso dominante, que delega as questões da orientação sexual para uma situação de discrição.

Lancemos agora o nosso olhar sobre os espaços de diversão *gay*. A frequência de bares antes e / ou depois da revelação apenas se verificou em seis casos.²² Para esses entrevistados, essas vivências revelam constituir um fator estruturante na identidade dos jovens *gays*.

“Sim. Bares e discotecas frequentava e ainda frequento em Lisboa quando lá vou. Eu acho que não influenciaram, mas deram-me a oportunidade de confirmar aquilo que eu era e aquilo que eu sinto. Percebi que era homossexual e que é isto que eu quero.” (Bernardo, 23 anos)

“Acho importante que exista esse tipo de espaços onde eu sinto que não estou sozinho. Que aquilo que eu sou, aquilo que eu sinto, não é isolado. Em que possamos demonstrar aquilo que somos e

²² Ângelo, Bernardo, Duarte, Fábio, João e Tiago

podemos expressar os nossos afetos com naturalidade. É importantíssimo estar num espaço onde não é exceção. E senti-me mais confortável comigo próprio.” (Duarte, 24 anos)

Se a frequência de espaços de diversão LGBT assume um papel estruturante na construção de identidades e na autoaceitação para alguns jovens, também podem ter, ainda que provavelmente em casos excepcionais, um efeito oposto.

“Acho que até atrasou o *coming out* pois fazia-me confusão porque não me identificava com aquele tipo de gente. Isso até dificultou um bocadinho o processo da própria aceitação comigo próprio.” (Fernando, 24)

Na nossa amostra a análise do papel que as associações LGBT têm potencial para assumir nos processos de revelação, se não por uma ação direta pelo menos indiretamente através da estruturação de uma identidade *gay*, fica restringida pelo facto de a maioria dos entrevistados não frequentar anteriormente nem ter passado a frequentar associações LGBT após terem revelado a sua orientação sexual aos pais.

3. 7. Recursos mobilizados para o *coming out* aos pais e mães

Como temos vindo a perceber, o *coming out* aos pais e mães acarreta anseios para os jovens *gays*. Assim, procurámos identificar os elementos que estruturaram os jovens entrevistados no sentido de lidar com o *coming out*, intencional ou acidental, aos seus pais e mães e com as respetivas consequências.

Os amigos (mencionados por 11 jovens)²³ e a partilha de histórias de *coming out* (mencionadas por seis jovens)²⁴, são os principais elementos avançados pelos entrevistados como recurso no processo de *coming out*.

Os resultados demonstram que os amigos tendem a constituir uma rede de apoio no *coming out* aos pais e mães.

“Eles (os amigos) passam a vida a dar-me conselhos. Às vezes parece que mandam mais na minha vida do que eu. Mas, independentemente disso, eu agradeço-lhes, porque são conselhos de pessoas que, no fundo, querem o meu bem.” (Ricardo, 21 anos)

“Eu tive a sorte de ter um grupo de amigos, eles sabiam e não acho que tenha alterado a amizade com eles. Isso nunca foi um problema.” (Duarte, 24 anos)

Estes resultados vão também ao encontro das “investigações sociológicas e antropológicas que demonstram que a amizade é amplamente importante para as lésbicas e os *gays*” (Roseneil, 2006: 36), na medida em que os amigos lhes proporcionam estabilidade

²³ António, Duarte, Fábio, Filipe, Fernando, Luís, Manuel, Nuno, Paulo, Ricardo e Tiago

²⁴ António, Fernando, João, Miguel, Paulo e Ricardo

emocional, companhia e ajuda no nível prático (ibid.: 36 – 37). E quando são alvo de rejeição ou exclusão, os jovens *gays* constroem vidas que se desenrolam fora do contexto da família nuclear heterossexual, deslocando a segurança emocional nos seus grupos de amigos (ibid.: 37). Contudo, alguns jovens da nossa amostra não mobilizam as amizades como rede de apoio.

“Os meus amigos nunca interferiram na minha vida pessoal. Nunca recorri aos meus amigos a pedir opiniões nenhuma.” (Bernardo, 23 anos)

“Não. Eu basicamente, na altura, não tinha amigos. Sofri *bullying* na escola. Só quando entrei na faculdade é que comecei a ter amigos. Antes não.” (Jorge, 21 anos)

“Não tive a ajuda de amigos. Nenhuma. A minha luta é a minha luta. Fui eu que decidi o que devia fazer. Os meus amigos não sabiam sequer que eu ia contar aos meus pais que eu era *gay*.” (Ângelo, 30 anos)

As narrativas de *coming out* aos pais tendem a ter um efeito estruturante nos jovens *gays*, o que pode ser explicado pela virtude das narrativas de *coming out* contrariarem as representações que apresentam a homossexualidade como invisível, perversa e marginal (Martin, 1993 *apud* Bacon, 1998: 252). São narrativas que descrevem sobretudo um processo de construção identitária (Bacon, 1998: 257). Num sentido mais lato podemos perspetivar que as narrativas de *coming out* refletem e constituem as normas culturais das comunidades *gay* e lésbica (ibid: 252). Podemos entender que estas representam, em certa medida, níveis de luta de autodeterminação de grupos oprimidos e silenciados (Martin, *apud* Bacon 1998: 252). No caso da amostra, o contacto com outros casos semelhantes, por diversos meios, entre os quais os pessoais e a internet, também parece desempenhar o seu papel.

“Foi um bocado por amigos meus, que já conheciam outras pessoas que eram *gays* e lésbicas e ao contarem as histórias deles fui interiorizando, que isto é uma questão de dar tempo ao tempo e que as coisas vão lá. Depois comecei a entrar mais no mundo, depois de me assumir, e foi ao ver como as outras pessoas acabaram por superar as coisas, foi-me dando uma visão daquilo que me podia esperar.” (Manuel, 22 anos)

“Eu li muitas coisas na internet, tens histórias sobre o *coming out* de pessoas que contaram aos pais e nem sei quê. Eu era daquelas pessoas que tentava saber a melhor forma de contar aos pais. Claramente fiquei desiludido ao perceber que não havia tal coisa. Mas à medida que uma pessoa vai lendo percebe que na verdade ninguém consegue dizer qual será a reação dos pais. Uma pessoa conhece os seus pais minimamente e uma pessoa sabe mais ao menos qual será a reação.” (Fernando, 24 anos)

Apenas para quatro entrevistados (Fábio, António, Jorge e Filipe) a frequência de associações LGBT, particularmente a rede *ex aequo*, foi uma base de apoio muito importante quando o *coming out* aos seus pais ocorreu.

“O apoio que eu antes tinha era mesmo dos meus amigos e inclusive da rede *ex aequo*. Quem me ajudou até foi um dos coordenadores da rede *ex aequo* de Coimbra da altura, que me ajudou a vir

para Lisboa. A rede ex aequo é que ajudou a normalizar as coisas na minha cabeça, a perceber e a ganhar ferramentas para as poder usar como argumento em relação aos meus pais.” (Fábio, 28 anos)

“A rede ex aequo foi um grande apoio e as reuniões locais de duas em duas semanas.” (António, 22 anos)

Sendo que a questão do *coming out* é abordada em reuniões da rede ex aequo, como indica o representante dessa associação entrevistado, é de prever que a exposição de discursos sobre o *coming out*, independentemente de este já ter sido ou não feito aos pais ou a outros agentes, possa possuir um potencial de construção e consolidação da identidade sexual. Por outro lado, as associações LGBT através da transmissão de narrativas do *coming out*, prepararam em certa medida os jovens *gays* para as possíveis dinâmicas e consequências do *coming out* aos seus pais e mães.

As consultas de psicologia são também um recurso importante para Guilherme, António e Fábio. Para Guilherme as consultas de psicologia constituíram um veículo que lhe permitiu fazer o *coming out* à sua mãe. António, por outro lado, aceitou ir às consultas de psicologia tendo em mente que essas consultas teriam uma componente estratégica que visava a melhor aceitação dos pais. Já para Fábio as consultas de psicologia serviram essencialmente para lidar com os efeitos do *coming out*.

“Ela [a mãe] falou comigo. Sugeriu que eu fosse a um psicólogo e eu aceitei. Passado uma semana tinha consulta com o psicólogo (...). Acabei por ir à consulta, na verdade foi mais uma consulta para eles do que para mim e ficou assim, basicamente.” (António, 22 anos)

“O meu pai sentia culpa e queria que enquanto família fôssemos ao psicólogo, e chegamos a ir. Eu fui a uma psicóloga durante um ano e aproveitei a psicóloga para lidar com outras coisas da minha vida e como lidar com o meu pai.” (Fábio, 28)

Para nove dos jovens²⁵ entrevistados os conteúdos mediáticos não são apontados como tendo facilitado o processo da revelação, sendo que muitos deles criticam os conteúdos mediáticos nacionais.

“Não. Eu lembro-me de estar a ver os “Morangos com Açúcar” e tinha lá um casal *gay* que só dava abraçinhos, era dar visibilidade com uma mão e tirar com outra. Não acho que tenha ajudado.” (Duarte, 24 anos)

“A única série LGBT que via era estrangeira. Não via *gays* nas novelas, as séries que eu via eram americanas e não eram difundidas em Portugal, tinham de fazer *download*. Os *reality shows*, até agora não tem havido um que se assumia como homossexual, no máximo gozam com a situação, “quinta dos degredos” e coisas desse género.” (Jorge, 21 anos)

²⁵ Ângelo, António, Duarte, Filipe, Jorge, Manuel, Nuno, Ricardo e Tiago

A hipótese de ter uma rede de apoio centrada nos amigos e conjugada com as narrativas de *coming out* parecem constituir poderosos pontos que orientam o *coming out* aos pais e mães.

3. 8. Conselhos de igual para igual

Tendo em conta as experiências já concretizadas de *coming out* aos pais e mães, procurámos saber que conselhos dariam os entrevistados aos jovens *gays* que ainda não tenham passado por esse processo.

Uma parte considerável dos entrevistados (sete)²⁶ aconselha a que os jovens revelem a sua orientação sexual ao seu pai e mãe quando sentirem que estão preparados para tal. Apontam também para a necessidade de conhecer a posição dos pais relativamente às questões da orientação sexual, para então poderem avaliar se a revelação deve ser feita (cinco)²⁷.

“Quando acharem que devem contar, por favor contem. Eu acho que não vale a pena viver uma mentira, a vida é demasiado valiosa para isso... eu sei que nem todos os pais acabam por aceitar e respeitar a orientação sexual dos filhos, mas acho que é uma prova de coragem que nos é colocada e que no fim vai contribuir imenso para o nosso crescimento pessoal. É um momento e uma decisão só nossa.” (Ângelo, 30 anos)

“Eu acho que os jovens devem começar primeiro por saber qual a opinião dos pais em relação a esse assunto. Se é um assunto tabu ou se é um assunto que pode se falar sem medos. Depois devem pensar interiormente se estão preparados para isso e para as consequências que podem daí vir.” (Bernardo, 23 anos)

Manuel afirma que se deve ter atenção a idade em que o *coming out* é feito aos pais de forma a evitar situações desagradáveis e para que, ao mesmo tempo, o *coming out* não seja interpretado pelos pais como uma fase ou ato de rebeldia.

“O conselho é analisar se vale realmente a pena contar por que sim ou porque é um ato de rebeldia ou eles são meus pais e vão aceitar de qualquer maneira. E às vezes há situações mais infelizes que podem ser evitadas se esperarem mais um ano, para não parecer que é só uma fase.” (Manuel, 22 anos)

Fernando aponta a revelação como um aspeto egoísta, no sentido de que as pessoas têm de viver a sua vida e que ninguém a viverá por elas. Diogo encontra-se bastante próximo dessa linha de raciocínio, sendo que para ele os jovens devem assumir-se aos pais independentemente das consequências que daí possam resultar.

“Embora seja difícil e saibamos que podem não aceitar, acho que devemos assumir quem somos independentemente daquilo que possamos vir a sofrer.” (Daniel, 18 anos)

“As pessoas têm de ser egoístas. Eu acho que chega uma altura em que toda a gente quer ter a possibilidade de namorar, sair à rua e ir jantar fora e nem sei quê e não vale a pena fazer isso às escondidas pelo menos desta parte da Europa em que vivemos e em 2016. As pessoas têm de viver

²⁶ Ângelo, António, Bernardo, Duarte, João, Manuel e Tiago

²⁷ Bernardo, Guilherme, Jorge, Nuno e Ricardo

por elas porque na verdade mais ninguém vai viver por elas. Eu sei que é complicado, mas acho que cada um leva o seu tempo a encontrar o seu espaço, mas acho que não há que ter medo. Uma pessoa sente-se sempre melhor depois de contar e para mim foi assim. Hoje em dia estou melhor estou muito mais feliz do que estava antigamente.” (Fernando, 24 anos)

Há ainda entrevistados que aconselham que os jovens solicitem o apoio de associações LGBT. Por fim, Jorge, António e Guilherme aconselham a frequência de consultas de psicologia juntamente com os pais.

Genericamente, os entrevistados dão conselhos cautelosos e prudentes relativamente ao *coming out* da homossexualidade aos pais e mães, dada a complexidade e imprevisibilidade que se encontra associada ao fenómeno. Caberá a cada um desses jovens descobrir a melhor maneira de abordar os pais e mães no que diz respeito à sua orientação sexual e tentar perceber o melhor momento para revelarem a sua identidade sexual ao seu pai e mãe.

CONCLUSÃO

A análise realizada permitiu confirmar que o *coming out* do jovem *gay* ao seu pai e mãe envolve um elevado grau de complexidade e incerteza. Além disso, também foi possível constatar que os laços sociais existentes entre o jovem *gay* e o seu pai e mãe são colocados à prova no contexto de revelação de uma orientação sexual não normativa.

Uma das principais ilações que podemos retirar deste estudo é a de que, *independentemente das reações imediatas dos pais e mães, o processo não culmina em rutura de relacionamento entre o filho gay e o seu pai e mãe*. Contudo, as reações dos pais e mães face ao *coming out* do filho *gay* tendem a ser perspetivadas como negativas pelos filhos e, quando isso acontece, as mães são mais expressivas quanto à sua mágoa do que os pais, os quais tendem a não manifestar de forma tão clara a sua real reação e/ou inquietação, mostrando ser mais recatados e discretos. O facto de as mães serem as únicas a manifestar mais abertamente as suas emoções pode estar associado a uma parentalidade que delega nas mulheres o papel cuidador e afetivo e de a masculinidade ser edificada pelo distanciamento emocional.

No que respeita às representações que os pais e mães têm sobre a masculinidade e a homossexualidade, podemos dizer que as representações de masculinidade são heteronormativas e afetaram a forma como os pais e mães acolheram a orientação sexual do seu filho. Relativamente às representações sobre a homossexualidade, encontramos pais e mães com representações estigmatizadoras e patologizantes.

A quebra das expectativas relacionadas com a descendência na figura dos netos é a que é mais evidenciada no *coming out* aos pais e mães, o que poderá ser explicado pela família,

enquanto instituição, se encontrar orientada para a criança e os afetos num contexto heteronormativo que contempla a descendência.

Já a importância reconhecida pelos jovens *gays* em revelar a sua orientação sexual é a de atingir uma maior transparência e sinceridade para com os pais e mães. Acima de tudo, os benefícios do *coming out* bem-sucedido assumem um fator de bem-estar pessoal e social para os jovens *gays* da nossa amostra. Na perspetiva dos filhos, a relação com os seus pais e mães muda para melhor após a revelação da orientação sexual e essas mudanças fazem-se pautar por uma maior proximidade, intimidade, transparência e autenticidade

A visibilidade é uma questão considerada de primordial importância pelos representantes das associações. Quanto maior a visibilidade, menor será o preconceito. A conquista de direitos LGBT, para além dos benefícios nos aspetos em concreto, constituem-se como importante contributo para a visibilidade. Também por isso, o *coming out* aos pais e mães tende a ter maior probabilidade de sucesso hoje do que no passado.

Ainda que tenhamos lidado com um objeto complexo foi possível responder à generalidade dos objetivos que nos propusemos analisar, sendo que a dissertação se baseou numa amostra de conveniência e por conseguinte, os resultados obtidos não podem ser extrapolados para a realidade do *coming out* dos jovens *gays* aos pais e mães na sociedade portuguesa.

Em última análise, esta dissertação contribui para a visibilidade LGBT no campo da sociologia portuguesa. Este estudo poderá providenciar, eventualmente, pistas para futuros estudos relacionados com o *coming out*, num país como Portugal que apresenta uma expressiva evolução na aquisição de direitos em função da orientação sexual, mas onde é necessário perceber o que se passa também ao nível individual e familiar.

BIBLIOGRAFIA

- Aboim, Sofia (2013), *A sexualidade dos portugueses*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Almeida, Ana Nunes de *e.al.* (1998), “Relações familiares: mudança e diversidade”, em José Manuel Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora.
- Almeida, Ana Nunes de *et al.* (2000), “A sociologia e a descoberta da infância: contextos e saberes”, *Fórum sociológico*, nº 3 / 4, pp. 11 - 32.
- Almeida, João Ferreira de e José Madureira Pinto (1995), *A investigação nas ciências sociais*, Lisboa, Editorial Presença.
- Amâncio, Lúcia (2004), “Feminismo e Modernidade”, em Isabel Carmo e Lúcia Amâncio (edits.), *Vozes insubmissas: a história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo*, Lisboa, D. Quixote, pp. 27-34, citado por Oliveira, João *et al.* (2010), “Pessoas LGBT: Identidades e discriminação”, em Conceição Nogueira e João Oliveira (orgs.), *Estudo sobre*

- discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Amaral, Ana Luísa e Gabriela Moita (2004), “Como se faz (e se desfaz) o armário: algumas representações da homossexualidade no Portugal de hoje”, em António Fernando Cascais (org.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer*, s.l, Fenda.
- Bacon, Jen (1998), “Getting the story straight: Coming out narratives and the possibility of a cultural rhetoric”, *World Englishes*, vol 17(2), pp. 249-258.
- Banks, Michael *et. al.* (1992), *Careers and identities*, Maidenhead, Open University Press, citado por Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2007), *Transições incertas. Os jovens perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Brandão, Ana Maria (2010), “O vaso de pandora? A revelação do homo-erotismo à família”, *XIII Jornada Nacionais da Associação para o Planeamento da Família*, Faro, Escola Superior de Saúde, 27-29 maio.
- Connel, R. W. (1995), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press.
- Correia, Rute (2014), *Identidade e Gestão da Visibilidade em Jovens Gays, Lésbicas e Bissexuais*, Dissertação de mestrado em Psicologia, Évora, Universidade de Évora.
- Corrigan, Patrick e Alicia Matthews (2003), “Stigma and disclosure: Implications for the coming out of the closet”, *Journal of mental health*, 12, (3), 235-248, citado por Gabrielle Poeschl, Joana Venâncio e Daniel Costa (2012), “Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais”, *Psicologia*, XXVI, (1), pp. 33-53.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- Cunha, Vanessa. (2002), *O lugar dos filhos*, Oeiras, Imprensa de ciências sociais.
- Bourdieu, Pierre (1998), *Meditações Pascalianas*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Burguess, Ernest; Harvey Locke e Mary Margaret Thomes (1960), *The family, from institution to companionship*, Nova York, American Book, citado por Cunha, Vanessa. (2002). *O lugar dos filhos*, Oeiras, Imprensa de ciências sociais.
- European Social Survey (2014), *ESS7*, ed.2.0.
- European Values Survey (2008), *EVS 2008: Integrated Dataset*.
- Fize, Michel (1990), *La démocratie familiale: Évolution des relation parents-adolescents*, Presses de la Renaissance, citado por Martine Segalen (1999), *Sociologia da família*, Lisboa, Terramar.
- Foucault, Michel (1988 [1976]), *História da sexualidade: A vontade de saber*, Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Frazão, Pedro e Renata Rosário (2008), “O coming out de gays e lésbicas”, *Análise psicológica*, 1(27), pp. 25-45.
- Herek, Gregory (2004), “Beyond “homophobia”: Thinking about prejudice and stigma in the twenty-first century”, *Sexuality research and social policy*, 1(2), pp. 6-24, citado por Gabrielle Poeschl, Joana Venâncio e Daniel Costa (2012), “Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais”, *Psicologia*, XXVI (1), pp. 33-53.
- Goffman, Erving (1986 [1963]), *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*, Nova York, Touchstone.

- Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2007), *Transições incertas. Os jovens perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Guerreiro, Maria das Dores; Ana Caetano e Eduardo Rodrigues (2008), “A família(d)escrita pelos jovens: permanência e mudança de modelos de paternidade”, *Actas do VI Congresso Português de Sociologia*, Associação Portuguesa de Sociologia.
- Ingraham, Chrys (1996), “The heterosexual imaginary: Feminist sociology and theories of gender”, em Steven Seidman (edit.), *Queer theory/ Sociology*, Oxford, Blackwell Publishers, pp. 168-193.
- Kitzinger, Celia (2005), “Heteronormativity in action: Reproducing the heterosexual nuclear family in after-hours medical calls”, *Social Problems*, 52 (4), pp. 477-98, citado por Oliveira, João *et.al* (2010), “Pessoas LGBT: Identidades e discriminação”, em Conceição Nogueira e João Oliveira (orgs.), *Estudo sobre discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Lipkin, Arthur (2004), *Beyond diversity day: a Q&A on gay and lesbian issues in schools*, Nova York, Rowan & Littlefield Publishers, citado por Rute Correia (2014), *Identidade e Gestão da Visibilidade em Jovens Gays, Lésbicas e Bissexuais*, Dissertação de mestrado em Psicologia, Évora, Universidade de Évora.
- Machado, Fernando Luís *et al.* (2003), “Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações”, *Revista Crítica de ciências sociais*, 66, pp. 45 – 80.
- Martin, Biddy (1993), “Lesbian identity and autobiographical differences”, em Henry Ablove (edit.), *The lesbian and gay studies reader*, Nova York, Routledge, pp. 274 – 293, citado por Jen Bacon (1998), “Getting the story straight: Coming out narratives and the possibility of a cultural rhetoric”, *World Englishes*, vol. 17(2), pp. 249-258.
- Myers, Michael (1982), Counseling the Parents of Young Homosexual Male Patients, em John C. Gonsiorek (edit.), *Homosexuality and Psychotherapy. A Practitioner's Handbook of Affirmative Models*, Nova York, Haworth Press, pp. 131-143, citado por Pedro Frazão e Renata Rosário (2008), “O coming out de gays e lésbicas”, *Análise psicológica*, 1 (27), pp. 25-45.
- Oliveira, João e *et al.* (2010), “Pessoas LGBT: Identidades e discriminação”, em Conceição Nogueira e João Oliveira (orgs.), *Estudo sobre discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Pachankis, John e Marvin R. Goldfried. (2004), “Clinical Issues in Working with Lesbian, Gay, and Bisexual Clients”, *Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training*, 41 (3), pp. 227-246.
- Paugam, Serge (2012), “Protection y reconocimiento: Por una sociología de los vínculos sociales”, *Papeles del CEIC*, 82, pp. 1-19.
- Poeschl, Gabrielle; Joana Venâncio e Daniel Costa (2012), “Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais”, *Psicologia*, XXVI (1), pp. 33-53.
- Roseneil, Sasha (2006), “Viver e amar para lá da heteronorma : Uma análise *queer* das relações pessoais no século XXI”, *Revista crítica de ciências sociais*, 76, pp. 33 - 51.
- Ruquoy, Danielle (1997), “Situação de entrevista e estratégia do entrevistador”, em Luc Albarello *et al.*, *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, pp. 84-116.
- Schneider, David (2004), *The psychology of stereotyping*, Nova York, The Guilford Press, citado por Gabrielle Poeschl, Joana Venâncio e Daniel Costa (2012), “Consequências da (não) revelação da

- homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais”, *Psicologia*, XXVI, (1), pp. 33-53.
- Sedgwick, Eve Kosofsky (2008 [1990]), *Epistemology of the Closet*, Berkeley, University of California Press.
- Vale de Almeida, Miguel (2010), “O contexto LGBT em Portugal”, em Conceição Nogueira e João Oliveira (orgs.), *Estudo sobre discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, pp.45-92.
- Wall, Karin; Sofia Aboim e Sofia Marinho (2010), “Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo”, em Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (coords.), *A vida familiar no masculino – negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, pp. 313- 332.
- Wharton, Amy (2005), *The sociology of gender*, Oxford, Blackwell.
- Weeks, Jeffrey (1996), “The construction of homosexuality”, em Steven Seidman (edit.), *Queer Theory/Sociology*, Oxford, Blackwell, pp. 41-63.

ANEXOS

ANEXO A – Guião de entrevista aos jovens *gays*

Caracterização sociodemográfica

Idade

Escolaridade

Profissão/ ocupação

I - Estrutura familiar

- i. Qual o nível de escolaridade e a profissão do teu pai e da tua mãe?
- ii. Que idade tinham os teus pais quando nasceste?
- iii. Descreverias os teus pais como liberais ou conservadores?
- iv. Tens irmãos? Quantos?
- v. Os teus pais estão ligados a alguma religião? São praticantes?
- vi. Que ideias tinham/têm eles sobre a masculinidade, sobre o que é ser homem?
- vii. Que ideias tinham / têm eles sobre a homossexualidade?
- viii. Achas que a imagem que eles tinham da masculinidade afetou o modo como encararam a tua homossexualidade?
- ix. Achas que a tua homossexualidade afetou a imagem que eles tinham de ti e as projeções que tinham feito para o teu futuro? Quais acham que constituíram os seus principais receios?
- x. A tua família tinha, no seu ciclo de amigos, conhecidos ou familiares outras pessoas homossexuais? Se sim, qual o tipo de relacionamento que mantinham com essa(s) pessoa(s)?

II – Relação com os pais

- i. Como era o teu relacionamento com o teu pai e a tua mãe? Eras mais próximo de algum deles?
- ii. Achas que a tua orientação sexual afetava a tua relação com os teus pais? E a relação deles contigo? Como? Em que aspetos?

III - Circunstâncias do *coming out*

- i. Com que idade tiveste consciência de que eras gay e com que idade revelaste aos teus pais que eras gay?

- ii. Quando revelaste aos teus pais que eras homossexual, vivias com eles?
- iii. Houve algum tipo de acontecimento que despoletasse a revelação? A revelação foi preparada ou resultou de uma circunstância do momento?
- iv. Em que circunstâncias/ambiente ocorreu? Foi objeto de preparação? (data escolhida, local, pessoas presentes, etc.)
- v. Contaste aos dois ao mesmo tempo ou separado? Se em separado, a qual deles contaste primeiro e porquê? E estavas sozinho ou com mais alguém?
- vi. Como é que constaste? Contaste diretamente ou fornecestes pistas? Tiveste alguma orientação nesse sentido (conselhos, profissional, do ativismo, etc.)
- vii. Quais foram as reações dos teus pais? Qual deles é que achas que reagiu melhor?
- viii. Se tens irmãos ou irmãs, já sabia(m) que eras gay? Como foi a reação deles/as e de que forma te ajudaram (ou não) na revelação aos teus pais?
- ix. Quem foi, na família, o elemento que mais te apoiou na aceitação da tua orientação sexual?
- x. De que forma é que os teus amigos te ajudaram no processo de revelação da tua homossexualidade aos teus pais?
- xi. Quando revelaste a tua homossexualidade frequentavas alguma associação LGBT? Se sim, essa associação ajudou-te, de alguma forma, no processo de revelação da tua orientação sexual aos teus pais?
- xii. Frequentavas outros espaços LGBT? (bares, discotecas, etc.)? Essa vivência teve algum papel na revelação da tua orientação sexual aos teus pais?
- xiii. O que é que mais te ajudou neste processo da revelação (histórias de outras pessoas gays, recursos na internet, apoio de associações, consultas de psicologia, conselhos de amigos, reportagens nos meios de comunicação social, novelas, séries, *reality shows* com pessoas homossexuais, etc.)?

IV – Consequências do *coming out*

- i. O que mudou na relação entre ti e os teus pais, após a revelação?
- ii. Em que medida e em que aspetos foi importante para ti teres revelado a tua homossexualidade aos teus pais? O que mudou na tua vida?
- iii. E o que achas que mudou na vida dos teus pais? Achas que têm uma outra representação da homossexualidade e das pessoas homossexuais?
- iii. Depois desses acontecimentos, continuaste ou passaste a frequentar associações e espaços LGBT?
- iv. Houve alguma alteração nas tuas redes de sociabilidade (maior apoio dos amigos ou de outros familiares face à eventual má reação; afastamento de familiares face à eventual má reação dos pais, etc.?)
- v. Que conselhos darias aos jovens que ainda não revelaram a sua orientação sexual aos seus pais?

ANEXO B - Guião de entrevista aos representantes das associações LGBT (ILGA, rede ex aequo e AMPLOS)

- i. A vossa associação é procurada por jovens que buscam apoio para o *coming out* aos pais?
- ii. E sentem que nos jovens que contactam ou pertencem à vossa associação o *coming out* aos pais constitui um problema?
- iii. Na vossa perspetiva qual a importância de fazer o *coming out* aos pais? De que maneiras é que isso se reflete na vida e na própria vivência das pessoas homossexuais?
- iv. O trabalho que realizam inclui a sensibilização dos pais e mães para a aceitação dos filhos com orientações sexuais fora da heterossexual? Trabalham diretamente com pais e mães? Têm alguma linha de apoio? Já realizaram campanhas de sensibilização nesse sentido? Que recursos possuem e disponibilizam para este efeito?
- v. Que trabalho têm vindo a fazer junto da população LGBT relativamente ao *coming out*? Campanhas de sensibilização, linhas de apoio, apoio psicológico, grupo de pais, panfletos, disponibilização de recursos online...?
- vi. A partir da vossa experiência e conhecimento quem costuma reagir melhor ao *coming out* do filho, o pai ou a mãe? E que outros fatores facilitam ou obstaculizam a boa aceitação (idade, religião, escolaridade, conservadorismo, etc.)?
- vii. Acham que hoje é mais fácil fazer o *coming out* aos pais do que há 20 anos atrás? Na vossa perspetiva, o que mudou?
- viii. Na vossa perspetiva o que é preciso fazer para que o *coming out* aos pais tenha resultados positivos, como apoio e aceitação da orientação sexual?
- ix. E de que modo é que a revelação de um filho homossexual tem consequência na vida dos pais e mães? (para a AMPLOS)

INFORMAÇÃO PESSOAL
RUI RAFAEL CARVALHO VELHO


📍 Rua dos Casalinhos, Lote MF 1^ºB , 2680-329, Apelação, Portugal

📞 931 379 694

✉ Rui92v@gmail.com

Data de nascimento 12/02/1992 | **Nacionalidade** Portuguesa

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Março - Maio (2016)** Inquiridor no âmbito do projeto Infeção por VIH : homens que fazem sexo com homens
 Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Novembro (2015)** Estagiário Instituto 4Life – Marketing
 Empresa prestadora de serviços pré e pós natais

ESTÁGIOS ACADÉMICOS

- 2014 – 2015** Processos de Inclusão de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica: Educação, Formação Profissional e Empreendedorismo
 CIES-IUL
- 2013 - 2014** SAS – Success at school
 CIES - IUL

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

- 2014** Mestrado em Sociologia
 ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa
- 2011- 2014** Licenciatura em Sociologia
 ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Língua materna Portuguesa

Outras línguas

	COMPREENDER		FALAR		ESCREVER
	Compreensão oral	Leitura	Interacção oral	Produção oral	
Inglês	B2	B2	B2	B2	B2
Espanhol	B2	B2	B2	B2	C2

Níveis: A1/A2: utilizador básico - B1/B2 utilizador independente - C1/C2: utilizador avançado
 Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

Outras competências	Bom domínio do Microsoft Office Bom domínio do SPSS Análise de dados estatísticos Gestão de conflitos
Competências de organização	Membro da Associação de Estudantes do ISCTE – IUL nos anos 2014/2015 e 2015/2016
Estágios académicos	<hr/>
2014 – 2015	Processos de Inclusão de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica: Educação, Formação Profissional e Empreendedorismo CIES-IUL
2013 - 2014	SAS – Success at school CIES - IUL